

# ACADÊMICO

jornal catarinense de cultura

ANO III • Nº. 32 \* ABRIL DE 1978 . BLUMENAU - SC • Cr\$ 5,00

O FIASCO DO GRUPO METAMORFOSE  
O REITOR, ESSE CARA É LOUCO  
ARTE DE RUA EM BRUSQUE  
MÚSICA PUNK-ROCK  
PADRENALISMO  
UNIVERSIDÉIAS



**CARTAS**

RIO DE JANEIRO (RJ) —  
Publicado em "A Gazeta de Notícias"

... Jornal Acadêmico em plena metade do seu terceiro ano de existência já pode apresentar suas propostas em caderno de 20 páginas densas. Fundado por um grupo de jovens resolvidos a contar seus sonhos e lutas sem fazer concessões, soube, no entanto, agir sempre com habilidade e equilíbrio tornando-se um penetrante mensário de cultura. MAURA DE SENNA PEREIRA.

BRUSQUE (SC) — Agradecendo o convite encitado por Sérgio Lino e Luiz, nós estaremos em Brusque participando

do do Iº Encontro Catarinense de Imprensa Alternativa (dia 28 de abril).

OURO PRETO (MG) — Meus cumprimentos pelo Acadêmico. Tendo oportunidade de ler vosso jornal em nossa biblioteca, acudiram-me duas idéias:

— Tornar-me um assinante.

— Enviar-vos alguns poemas (despretencioso, em verdade).

PAULO CÉSAR RODRIGUES DE ALMEIDA.

JOINVILLE (SC) —

... Enfim, está aí o Cordão nº. 3. Mais uma vez, produto do trabalho unido e integrado dos Autores, em especial dos joinvilenses, mas também, e sobretudo, dos catarinenses.

Esperamos, daqui por diante, aumentar a frequência das novas edições. Há muito en-

tusiasmo. Aliás, o entusiasmo faz parte deste momento literário barriga-verde. ALCIDES BUSS.

SÃO PAULO (SP) —

... Sou um catarinense embrenhado na selva granítica, absorvente e executiva desta grande cidade.

Lendo o Jornal "Cultura Imprensa", nº. 11 fevereiro-março de 1978, descobri uma informação sobre o "Acadêmico", publicação desta nossa querida cidade com ensaios, contos, poemas, preocupações com a vida cultural catarinense". Gostaria de recebê-lo... E futuramente poder enviar alguma colaboração. Sou formado em Filosofia pura, Sociologia e atualmente curso o último ano de Psicologia Industrial... VINICIO CHETTO

SÃO PAULO (SP) —  
... Recebemos uma correspondência de Péricles Prade, dando-nos promissoras notícias... Estaremos lá em abril.  
A REDAÇÃO

**ACADÊMICO****EXPEDIENTE**

Caixa Postal 1124  
89.100 - Blumenau - SC

Diretor e Redator

Responsável

**OLDEMAR OLSEN JR.**

REDADORES

Maria O. Onório Olser.

Oldemar Olsen Jr.

Roberto Diniz Saut

Fred Richter

Domingos S. Nunes

\*

Divulgação e Relações  
Públicas

**EMILIO SCHRAMM**

**A TOMADA DO REITOR**

O Professor José Tafner assumiu a Reitoria da FURB por um período de quatro anos, em substituição ao professor Ignácio Ricken. Em seu discurso de posse, no dia 16 de março, assegurou que "temos consciência dos problemas que envolvem uma instituição como a nossa, embora não tenhamos conhecimento objetivo de todos eles". Embora não tivesse explicitado, deixou tácita a promessa de trabalhar para elevar o padrão de aulas da FURB, ao dizer que "um dos problemas mais sérios é a qualidade de ensino". É bem verdade que esta promessa só poderá ser tirada a limpo em 1982, quando ele entregar o bastão ao seu su-

cessor, e é por isso que vamos deixar registradas aqui no ACADÊMICO alguns pontos do seu discurso de posse. Assim, ninguém poderá deixar o dito pelo não dito.

SÓBRE A QUALIDADE DO ENSINO: — "Muito fácil seria, se através de telefonemas pudessemos contratar em tempo integral todos os professores e mais 280 cientistas estrangeiros e 153 pesquisadores nacionais. Numa casa como a nossa a qualidade do ensino é, em larga escala, uma função das taxas escolares. Não é uma realidade simpática mas é uma realidade. As anuidades são o item básico do orçamento e, se tudo isto fosse pouco, temos uma clien-

tela residual, uma clientela que trabalha, consequentemente, menos favorecida pela sorte; não menos inteligente, porém limitada em seu rendimento potencial pelas condições de dedicação ao estudo. Em função disto nossa clientela, O ALUNO, É O CENTRO DE TODO O TRABALHO INSTITUCIONAL. Melhor formação, qualificação e bem estar do aluno é a razão de existência de uma escola superior. Neste intuito, dentro das limitações da FURB e nossas, e, em sintoma com os objetivos nacionais, faremos o possível para garantir a todos o direito à liberdade à alegria, à esperança, ao triunfo através da dignidade, do trabalho e da

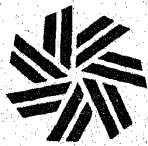
cultura.

SÓBRE EVENTUAIS MUDANÇAS — "Diante de um orçamento já definido também não podemos operar grandes mudanças".

SÓBRE O PAPEL DA UNIDADE — "Nenhuma instituição de ensino superior está plenamente em hora com suas necessidades. Toda fundação, porém, sabe da sua parcela de responsabilidade ao debate isento dos problemas, à busca de modelos válidos para a terapêutica das crises, à recuperação dos atrasos históricos e a consolidação, por todos desejada", de uma sociedade aberta", justa e equânime", associando o desenvolvimento à justiça social".

Lojas Arapuã S.A.

Grupo Fenícia



# DA O TREVO DA COPA

RUA XV DE NOVEMBRO — BLUMENAU — STA. CATARINA

**OLICIEPAR**

He do:

rapidez, qualidade e

precisão em seus serviços

Fotótipos, Clichês,  
Desenhos, Composições,  
e Fotocomposições.

Rua Arwin Schrader, 100 (lado p/ BR 101)  
Fone (0473) 22-2884  
Blumenau - SC

# EDITORIAL

## O REITOR, ESSE CARA É UM LOUCO!



Havia num reino muito próximo, dentro de uma província interiorana, uma comunidade pacífica que vivia muito bem.

Viviam muito bem os contribuintes pacíficos, apáticos, ergastulados nos próprios pessimismos.

Os tempos passaram e, de acordo com os convencionalismos do reino, o povo necessitava de um novo senhor feudal para orientar os destinos do condado.

O povo, como exigia o protocolo, elaborou a lista, (curiosamente sextupla)... Atendendo essas aspirações e sem se comprometer o soberano ungiu o mais votado.

A assunção do feudo deu-se num dia de muitas festas e o escolhido, outrora simples cidadão da comunidade, elemento cômico da suas limitações tanto administrativas, como no domínio do vernáculo local, agora, pavoneava-se num traje rico de erros cronológicos e drasticamente colorido a ponto do xadrez da gravata não rimar com o xadrez das calças... Mas o povo metuculo e habituado as solenidades ria a mais não poder, um riso não manifestado nas faces.

... E chegou o momento do escolhido falar... E ele falou... Na saudação, omitiu o povo, ele tremeu, ele falou dos passarinhos, ele falou das cobras, ele riu, riu todo o tempo como uma criança quando ganha o seu primeiro brinquedo... Para ele não houve solenidades, para ele tudo não passava de protocolo do qual ele não fazia parte e desconhecia as normas que regiam cerimônias semelhantes.

... E o povo ouvia, e o povo ria, e o povo resistia... Até tudo estar plenamente consumado...

Poucos dias passaram-se e ele, bem instalado, com a falta de jeito habitual, mais integrado com a burocracia da organização que dirigia, acesorador por diversos secretários... Afinal ele estava ali para isso... Eliminamos as coordenadorias da instituição, despachamos o departamento de computação, assistência ao estudante, eliminamos o dpto. de finanças... Pensavamos que iriam substituir o pessoal dispensado com outro mais especializado e com maior capacidade... Mas qual não foi a surpresa quando vimos um ex-seminarista (biólogo) ocupando um posto no departamento de finanças... Daí surge-nos a idéia para uma nova profissão: Ecologia financeira... descobrimos que havia um sociólogo no Depto. de Patrimônio, outra profissão: Doutrinação de imóveis... E muita gente sem emprego e os que entram só falam italiano e já estudaram em seminários... E eu aqui monologando: "Padrenalismo"... Não havia outra explicação, era a última forma de nepotismo inventado acidentalmente naquela comunidade tão longe de Roma.

O povo inquieto e preocupado falava mal daquele protecionismo compadresco, porque poucos entendiam e falavam o idioma do senhor feudal...

Não me importo que ele se vista mal, que não haja bom gosto, não me importo que ele queira ser popular sem ouvir o povo, que suas grosseirias sejam desculpadas como falta de experiência ou como uma tentativa de ser informal, não me importo que ele use o poder que ele faça as leis, nem que haja favoritismo pelos "spaghetis"... Mas senhor, eu não compreendo como pode haver tantos lugares errados para tão poucas pessoas certas.

... E todo o povo conclamava a grande afirmação de que também não sabiam se tudo aquilo era apenas o final de um começo ou o começo do próprio fim!

(O.O.J.)

# CURSOS

## na engenharia

O Diretório Acadêmico de Engenharia junto com o diretor da Faculdade Paulo Bayer pretendem estimular os alunos a participação de cursos extra-curriculares que serão promovidos a partir do dia 5 de abril.

Novas Técnicas de Drenagem, o curso que abre essa iniciativa, tem lugar no dia 5 de abril. As inscrições serão gratuitas e podem ser feitas no Diretório Central dos Estudantes.

Do dia 3 a 7 de maio, a Prefeitura Municipal de Blumenau junto com a Associação Brasileira de Limpeza Pública e colaboração do Instituto Brasileiro de Administração Municipal, promoverão o 1º Congresso Nacional de Serviços Públicos. O assunto é de grande interesse para o nosso universitário.

Segundo entendimentos com o Diretor da Fac. de Engenharia, Paulo Bayer e o

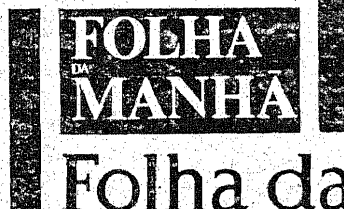
Prefeito Municipal Renato de Mello Vianna, o Diretório Acadêmico de Eng. através de seu presidente Paulo Caseca conseguiram que a participação do estudante fosse isenta de qualquer taxa de inscrição.

Também está planejada uma Semana da Engenharia em data ainda a ser oficializada. Nesta semana teremos debates com várias personalidades de renome nacional, palestras abordando assuntos diversos (como paisagismo e urbanização) de interesse dos acadêmicos.

Os contatos com os professores já estão sendo mantidos e tão logo tenhamos a confirmação das datas, divulgaremos com o local e outros detalhes.

Para cada curso ministrado, o Diretório oferecerá certificados de participação aos alunos.

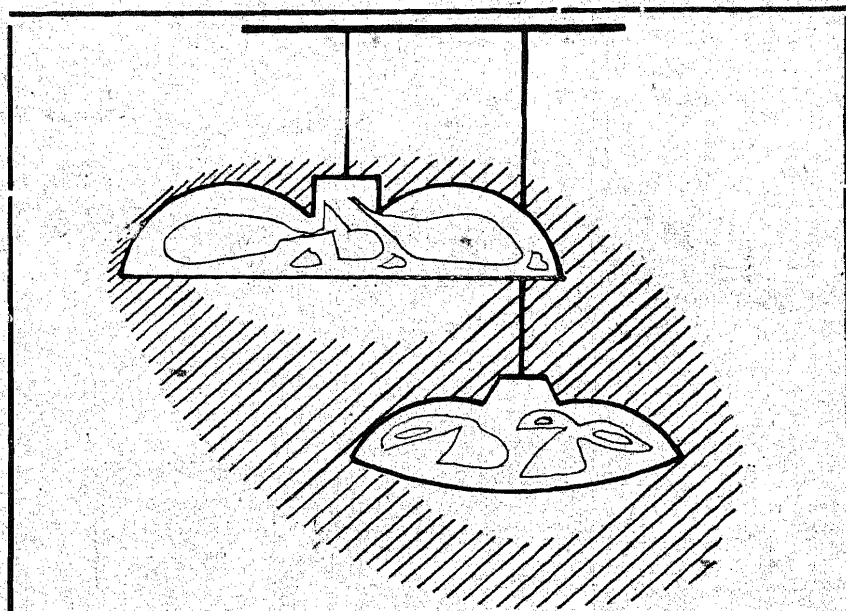
## CORREIO DO POVO



LEIA  
 ASSINE  
 DIVULGUE

LEIA  
 ASSINE  
 DIVULGUE

## Folha da Tarde



## INSTALADORA BLUMENAU

LUSTRES • DECORAÇÕES

Rua XV Novembro, 1389 — F: 22-1264

# PLÍNIO MARCOS

## UM ESCRITOR MALDITO

Plínio Marcos, jornalista,  
 teatrólogo, ator e romancista.  
 Conhecido do público brasileiro  
 através de suas peças: "Dois Perdidos  
 Numa Noite Suja" e "Navalha na Carne"...  
 Pelo seu desempenho como ator na novela:  
 Beto Rockfeller em que desenvolveu uma linguagem  
 nova ironizando os comerciais americanos de chicletes e  
 cigarros, também, criando e introduzindo expressões  
 populares, gíria e que o tornou inesquecível. Autor de 12  
 livros e 18 peças; após ter trabalhado na revista Veja, Isto É nos jornais  
 Última Hora e Folha de São Paulo, Plínio Marcos dá uma entrevista  
 exclusiva para o Jornal Acadêmico.

Por: Maria Odete O. Olsen  
 Marcos Heise e  
 Oldemar Olsen Jr.

A — Plínio, de repente estão cantando por aí "Soi latino americano"; correm pelas bocas nomes como Violeta Parra, Mercedes Soza e outros... Grupos universitários primam pelo som latino americano... Como você, escritor e itinerante, coloca o Brasil no contexto latino americano?

PM — Evidentemente que o Brasil não pode ser separado dos países do terceiro mundo. Agora, eu quero ver as pessoas defenderem suas músicas no seu lugar de origem. Não adianta trazer a música latina americana para o Brasil se ela vai ocupar exatamente a faixa da música brasileira. Eu quero ver as pessoas defenderem a música boliviana na Bolívia, eu quero ver elas defenderem a música peruana no Peru, porque se os conjuntos vem para cá defender a música latino americana no Brasil, eles nunca cantam a música brasileira, não é? Então a música brasileira vai sendo preterida e essa música latino americana vai ocupando a faixa do mercado, não a faixa das músicas multinacionais; ela vai ocupando a faixa da música brasileira. Outro dia, eu fui fazer uma conferência numa cidade bem longe de São Paulo, chamada Taquaritinga, era uma região de muita arte popular, lá tinha catira, lá tinha moçambique, lá tinha também, lá tinha moda de viola, no entanto, no Festival Universitário que estavam fazendo, só entrava música latino americana e a brasileira não entrava. Isto é, de repente, a música latino americana, não era brasileira. Então, eu acho que nós temos que defender



primeiro, a música brasileira no Brasil e a música boliviana na Bolívia. Agora, quem for fazer isso no seu próprio país vai correr riscos, e quem fizer isso no país dos outros, não, porque será facilmente assimilado pelas multinacionais. A Continental (gravadora Continental) ela mandou um seu emissário sair pela América do Sul gravando tudo que existe de folclore latino americano. Se essa moda pegar realmente, eles vão entulhar o mercado com esse tipo de música e aí a música brasileira não entra.

A — como você vê esse contexto do Brasil na América Latina?

PM — O Brasil é um país invadido, não é?... Ele não conseguiu ainda a sua libertação. Tem que lutar pela sua libertação.

A — Falando sobre teatro, você começou com Barrela, falando sobre violência, aos 22 anos, porquê?

PM — Porque a violência me choca, como deve chocar qualquer cidadão de bom senso. Então, eu registrei um fato acontecido quando eu tinha 22 anos, na cadeia de Santos. Um rapaz foi preso por qualquer questão menor e foi colocado num depósito de presos junto com criminosos de alta periculosidade que acabaram por estuprar o moleque e quando ele saiu, foi matando

as pessoas que estiveram com ele, chegou a matar quatro. Isso me chocou muito e eu escrevi então a peça Barrela, que é uma reportagem feita sobre uma situação brasileira e essa peça só não foi superada, porque a situação nos presídios brasileiros não se alterou, muito pelo contrário, se alterou e foi para pior, assim como toda a realidade social brasileira, só piora, não melhora.

A — Vocês fizeram sessões clandestinas dessa peça no teatro?

PM — Várias. Fizemos uma em Santos e fizemos três no Rio de Janeiro e agora, esse ano lá em São Paulo, nós fizemos duas leituras, uma na USP, outra no teatro Rute Escobar para comemorar os dezoito anos de proibição da peça.

A — Num resumo do que você falou ontem política que está sendo feita, da não participação do povo, da opressão, da redemocratização, do reacionarismo, do bóia fria, e da prostituição que cada dia aumenta mais, como você vê esse tal Milagre brasileiro?

PM — O milagre brasileiro foi uma mentira, um engodo e o resultado está aí nê. Isso tudo que a gente viu ontem, é provas de que não houve milagre brasileiro nenhum. Houve uma enganação, uma política de metas que dentro de um período pode até ter entusiasmado as pessoas menos lúcidas. Agora, para realmente, o Brasil sair dessa situação, tem que haver uma redistribuição de riquezas com urgência e um incentivo para que cada cidadão volte para o seu lugar de origem.

## Plínio Marcos: um escritor maldito



A — Você acredita, então, que estamos criando assim, uma sociedade de fracassados?

PM — Fracassados! não. Estamos criando uma sociedade em que o Governo cada vez se fortalece mais, os ricos cada vez ficam mais ricos e os pobres cada vez ficam mais pobres, ficam cada vez mais miseráveis.

A — O que é que tinha aquela peça: Jornada de um imbecil até o entendimento?

PM — É o problema da mais valia e a jornada de um imbecil, é o período que ele leva para perceber a mais valia.

A — Também foi proibida?

PM — Proibida e liberada e agora não sei como está a situação dela, mas não pode ser encenada.

A — Você escreveu roteiros para cinema?

PM — Vários. A Rainha Diaba. Esse filme que vem aí, Barra Pesada (tem o nome de Barra Pesada, mas é baseado no Querô — a reportagem maldita —), escrevi Nenê Bandalho, Navalha na Carne e Dois Perdidos numa Noite Suja também foram filmados.

A — Eu peguei uma frase sua que gostei muito, que diz: uma peça de teatro não tem valor como literatura, mas serve a medida em que os atores emprestam seu trabalho a ela?

PM — Não! tem uma inversão aí. A peça de teatro é boa na medida em que ela se presta a grandes interpretações de atores e eu estou vendendo minhas peças de teatro porque as pessoas tem curiosidade em conhecer o texto dessas peças. Já que elas não podem assistir, elas querem ler... E mesmo tem muita gente interessada em... que gostaria do texto.

A — Você mencionou várias vezes que o importante é inquietar-se, é estar sempre alerta e que justamente esse é o maior pecado da intelectualidade brasileira... Que

na hora do PEGA vai tirar umas férias nas Bahamas.

Que relação você estabelece entre essa inquietação e o universitário brasileiro e que conclusão está chegando?

PM — Eu acho que o intelectual brasileiro não vai tirar férias, acho que é mais grave ainda. Em ocasiões de obscurantismo ele reage individualmente, ele reivindica individualmente, e o universitário brasileiro está marginalizado, ele está sufocado pelo 477 e, ele está reagindo aos poucos, e essa reação que ele está mostrando é sadia; porque a apatia em que ele se encontra-

misso com a literatura até onde se estende?

PM — Nenhum. Não tenho nenhum compromisso com a literatura. O meu compromisso é só com o povo brasileiro.

A — O que você poderia dizer sobre a força, a intensidade de Inútil Canto e Inútil Pranto Pelos Anjos Caídos? ... Que traz mais do que nunca a sua marca como escritor ou seja, aquele mundo deprimido de cárcere sufocante, futebol, o morro cheio de mazelas o pivete...?

PM — Eu prefiro que você diga... Eu faço reportagens.

### ESTAMOS CRIANDO UMA SOCIEDADE EM QUE O GOVERNO CADA VEZ SE FORTALECE MAIS, OS RICOS CADA VEZ FICAM MAIS RICOS E OS POBRES CADA VEZ MAIS POBRES...

va era muito grave. Porque a apatia é a mais grotesca das formas de auto destruição.

A — E a juventude em geral, essa onda de cocotismo, você acha que é prenúncio de alguma coisa?

PM — Isso não. Isso é uma fase da juventude. Mas ela está sendo corrompida pela importação de cultura de consumo, então corre o sério perigo de a juventude brasileira ficar descaracterizada de suas raízes de brasilidade.

A — Agora, você escreveu muito na Folha de São Paulo, fale um pouco da Barra do Catimbó.

PM — Barra do Catimbó é um romance que eu estou escrevendo e que deve ser publicado até o fim do ano.

A — Sobre?

PM — A história do nosso povo.

A — Você falou que catimbó era...

PM — Depois, eu escrevia na Última Hora de São Paulo em série, histórias da Barra do Catimbó e um Bairro novo que surgiu em São Paulo, ganhou esse apelido de Catimbó.

A — Barra pesada?

PM — Não. Catimbó significa... Catimbó vem de Catimbeiro, isto é, macumbeiro.

A — Você escreveu na Última Hora do Rio, também?

PM — Não. Só na Última Hora de São Paulo.

A — E na Rádio Tupi?

PM — Eu tinha um programa na Rádio Tupi, chamado: A Horário Pingado.

A — Qual é o teu compro-

Eu sou repórter de um tempo mau e tudo isso que eu ponho nos meus livros é o que vejo, o que está aí, é a realidade brasileira. Uma realidade onde o esquadrão da morte da baixada fluminense matou 87 pessoas em dois meses esse ano (nos dois primeiros meses desse ano) o que é mais do que muitas guerras. Uma realidade brasileira que de repente a gente vê os jornais anunciando que o índice de alimentação dos operários de construção civil no Rio de Janeiro é pior do que num Campo de Concentração nazista. Então, tudo isso é a realidade brasileira tudo isso eu coloco nas minhas peças e nos meus romances.

A — Você fala daquele Show que você fez com os Pagodeiros?

Depois, fizemos um outro show chamado: O Humor Grosso e Maldito das Quebradas do Mundaréu que ficou dois anos em cartaz em São Paulo.

A — Já tentaram fazer comparações suas com o Nelson Rodrigues...

PM — Falam né. Porque a gente escreve a mesma força no diálogo.

A — Sobre o bipartidarismo...

PM — O quê?

A — Sobre os partidos, você se coloca entre...

PM — Há mais de um partido no Brasil?

... Nem a Arena e nem o MDB são partidos. A Arena e o MDB foram uma arca de Noé, inventadas quando teve um dilúvio e os políticos para não morrerem afogados, entraram em uma dessas duas arcas... Mas eles não significam um pensamento político...

Porque, por exemplo, no MDB você encontra tudo, é um balaio de gato. Assim como você encontra tudo dentro da Arena, é um balaio de gatos.

A — Em que arca você entrou?

PM — Eu!, em nenhuma. Pô! não sou idiota. (risos).

A — Ele está na jangada...

PM — ... A formação de partidos... E não ficar aceitando aí nesse jogo de aceitação que são esses MDB e Arena...

A — Ontem, a gente falou alguma coisa que não ficou registrado, porque você não quis gravar...

PM — Não quis gravar, não! ... Não gosto que liguem microfone quando estou em butiquim...

A — Sobre futebol, você poderia repetir aquelas idéias

### EU SOU REPÓRTER DE UM TEMPO MAU E TUDO ISSO QUE EU PONHO NOS MEUS LIVROS É O QUE VEJO, O QUE ESTÁ AÍ, É A REALIDADE BRASILEIRA.

PM — Eu tenho várias linhas de trabalho. Uma delas é o musical, a preservação da música brasileira, a tentativa de abrir espaço para o artista popular brasileiro e por isso eu fiz um show que se chamava: Plínio Marcos e os Pagodeiros que era Eu, o Geraldo Filme Zeca da Casa Verde, o Talismã, o Silvío Modesto e o Tuniquinho Batuqueiro. Nos apresentamos diversas vezes em São Paulo.



# Plínio Marcos: um escritor maldito



... Que o futebol não é o ópio do povo?

PM — Não, eu não disse bem ... Eu disse que o futebol é o futebol. Ele está sendo usado pelo governo... Mas o governo que está aí, não sabe usar nada em função do povo, nem descapitalizar o futebol. Está criando uma porção de confusão. Você tem aqui no seu estado a triste situação em que ficou o Avaí. Então o Avaí é um descontente foi marginalizado do Campeonato Brasileiro, isso foi organizado por quem? pelo governo. Mas o governo não tem medida, não tem senso, não tem nada... O mais grave do futebol não é isso, o mais grave é que ele está sendo deturpado. Nós fomos tricampeões do mundo e no entanto fomos lá copiar a tática dos vice-campeões. Isso é uma prova te que a cultura erudita está esmagando a manifestação espontânea do nosso povo até no futebol. Os universitários da faculdade de Educação Física, eles dentro da sua Faculdade estudando as técnicas e as táticas dos Beckembauers, esquecendo que Beckembauer, essas coisas, tomava mingau de aveia desde que nasceu... E depois querem aplicar esse mesmo estilo de ginástica, esse estilo de preparação em mulatinho que vive na favela e comia farinha com água. Isso tudo,

transforma esses nossos jogadores em atletas, mas eles perdem a mobilidade, perdem a espontaneidade que era a grande arte do futebol brasileiro. Um garrincha, por exemplo, não teria vez na seleção de Coutinho.

A — Você saiu da Revista Veja...

PM — Eu nunca sai de lugar nenhum. As pessoas que me saem. Eu fui mandado embora da Veja, e fui mandado embora das Folhas, e fui mandado embora da Última Hora, e fui mandado embora da Rádio Tupi, e fui mandado embora da Rádio Bandeirantes... Sempre pelos mesmos motivos: **ABORRECER QUEM DETÉM O PODER.**

A — E falando no caso da Folha, quem detinha o poder?

PM — Quem detém o poder é quem detém o poder... Quem é que detém o poder?

A — Quem paga?

PM — Não. Não é quem paga que detém o poder. Os órgãos do governo fizeram pressão no jornal e nós fomos despedidos.

A — Você foi junto com o Lourenço Diaféria?

PM — Não, o Lourenço Diaféria não foi despedido. Ele ficou e lá saiu depois para ir para o jornal da Tarde.

A — E o Tarsio de Castro.

PM — O Tarsio de Castro foi despedido três meses depois de mim. Foi despedido perto do natal.

A — Pelo mesmo motivo?

PM — Não sei. Na época que eu fui (que era pressão) ele não foi.

A — Com a Veja foi a mesma coisa?

PM — A Veja (a mesma coisa) tanto é que não tinha sido o diretor da revista quem não pediu a minha cabeça, que era o Mino Carta... E o Mino Carta acabou pedindo demissão junto comigo porque não era ele que estava pedindo para mim ser despedido.

A — E ele não te convidou para ir para a Revista Isto É?

PM — Convidou. Eu escrevi dois números lá e parei.

Porque eu não costumo trabalhar em favor. Costumo trabalhar vendendo a força do meu trabalho. Na Isto É, o Mino Carta queria que eu escrevesse sobre cinema. Eu nem vou ao cinema. Então, eu escrevi duas vezes para mostrar que eu não estava lá porque não queria. E sai né. Eu não tenho que fazer média. Eu não sou dono de revista.

A — Você não vai ao cinema?

PM — Não gosto. A única coisa que me preocupa realmente, é o mercado interno para o cinema brasileiro, só.

A — Sobre o teatro de situação, alguém faz? Ou melhor, ele tem vez no Brasil?

PM — Não sei. Não estou acompanhando o movimento do teatro, eu sei é que a gente não tem um mercado de trabalho. Então, não adianta vocês me perguntarem sobre cinema, porque a minha distração é outra... Jogar bola por exemplo.

A — O Cassiano deu para você escrever Beto Rockfeller?

PM — Eu recebi e não quis.

A — Porque?

PM — Não era o meu gênero.

A — E depois você acabou..

PM — Acabei trabalhando de ator, e não acabei escrevendo.

A — Eles deram um tema para você escrever?

PM — Ele contou a história e eu não quis escrever. Eu tinha escrito uma novela que fora proibida pela censura. Aí, eles quiseram que eu escrevesse Beto Rockfeller, eu agradeci, mas não quis, porque não era o meu estilo. Não é o meu gênero.

A — Aí você deu a peça...

PM — Eu não dei nada para ninguém. Eu não quis.

A — Sobre Santa Catarina?

PM — É um bonito lugar...

A — Melhor que São Paulo?

PM — Não sei. Não faço campeonato de lugar (risos).

A — Como aconteceu: Plínio Marcos?

PM — Eu fui artista de circo. Trabalhei uns cinco ou seis anos como palhaço de circo e depois passei para a

Televisão, depois para Rádio e depois ingressei no Teatro amador (foi quando escrevi a Barrela' e daí para frente comecei a me dedicar mais a escrever. Mas fiquei dez anos proibido de apresentar minhas peças e depois consegui outra vez, foi Dois Perdidos Numa Noite Suja...

A — A Patrícia Galvão te convidou...

PM — É, a Patrícia Galvão foi procurar um artista no circo para substituir um artista do elenco dela que havia ficado doente... Me viu, me convidou e eu fui e fiquei muito amigo dela... Aí, eu mostrei a Barrela para ela e ela mostrou para o Pascoal...

A — Você falou ontem sobre uma rádio, o projeto de uma rádio... Como se você quisesse implantar alguma coisa...

PM — ... Mesmo que eu quisesse implantar, eu não tenho condições... Eles não deixam né. Me perguntaram porque eu trabalho em Televisão, às vezes. Eu quero trabalhar sempre que puder. Eu quero pegar um veículo para o povo brasileiro. Agora, nós podemos deixar os veículos de comunicação entregues a gente que não pensa no povo. É isso aí. Mas não tenho nenhum projeto de fundação de Rádio não.



## LIVRARIA ACADEMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina

# O fiasco do grupo metamorfose

(Maria Odete O. Olsen)

Tudo está do jeito que sempre existiu. O bem e o mal. O ruim e o pior. Do bem para o mal. De ruim para pior. E a minha responsabilidade em viver se vocês insistirem, está em mim no olhar, no jeito, em pular, em gritar... prá safar a pele. Porque todos estão safando a pele.

Menores (todos menos de 15 anos) esbofeteiam velhos, matam senhoras vindas de super-mercados, prá safar a pele. Adolescentes, meninas ainda, abortam filhos que não conseguiram entender como foram entrar em suas barrigas, prá safar a pele. Moças da grande classe média, substituem seus corpos num trabalho de final de dia para poderem por mais rendas em seus enxovais, prá safar a pele. Pais de família torram seus pagamentos nas zonas, porque estão descreditados, descorçoados e somente nessa ilusão de noite, das luzes e das cores, pensam que estão safando a pele.

Então vocês já perceberam que o grito é safar sua pele, seu couro, por pior que seja o absurdo a que tenha de chegar.

Tudo porque as coisas estão difíceis de serem mudadas do jeito que existem. Todos se acostumaram ao inatural e so-

mente nele é que conseguem insistir.

Como estudantes universitários participando do DCE, vivemos nesta que já passou, uma semana de glórias (13 a 18 de março). Sucesso total, tanto de quem organizou como dos participantes. Mas para que os louros não seguem já sob o nosso peso, nunca a nossa realidade ficou tão patente como nas noites de quinta e sexta-feiras, quando respectivamente se apresentaram os grupos Tarancon e Metamorfose.

A nossa realidade e a deles.

A nossa a de algumas dezenas de jovens estudantes universitários passivos e estáticos.

A deles, a de alguns jovens itinerantes - TARANCON levando na música a história de um povo sofrido e injuriado, o latino americano; e METAMORFOSE, propondo-se a uma mensagem de amor.

Que Metamorfose deixou a desejar prá nossas mentes analistas e bem comportadas, todo mundo sabe. Teve uns momentos em que cheguei a pensar, esses caras são uns coitados. Teve outros momentos em que não tive coragem de olhar, dei umas boas risadas e pensei — vocês são uns grandes merdas e torci, para

que o cara dos textos não viesse para o meu lado perguntar o que eu achava deles.

E agora outro dia, tenho em mãos um folheto rosa com 12 letras de um show "Cultura Periférica"

E me pergunto realmente quem são os coitados.

Esses que novamente se jogaram nas estradas prá cantar por aí o pecado de um moço qualquer, novo numa firma, sonhadora de rock, que faz crediário prá comprar a máquina do barulho e se esquece e se dana todo e perde a hora que paga seu domingo e vai se justificar ao INPS.

Ou nós que ficamos aqui, simplesmente esperando que outros cinco estranhos e cantadores venham bagunçar o nosso coreto, venham apelar e falar da Beth Carvalho e satisfazer o nosso ego tão imerso e tão carente de todo esse folclore, desses apelos irreais, dessas frases vazias.

Como continua artificial essa realidade de estudante. Estamos tão anestesiados de paternalismos e mordomias que já quase perdemos a o todo a sensibilidade para o espontâneo, para o humano, para o verdadeiro e crítico.

Se todos acharam medíocre o texto que a menina falou durante o show, podem crer que

essa é uma das grandes realidades que a nossa elite universitária não conseguiu transformar. De que vale esse orgulho empapuçado de universitário, se o compromisso ainda não é o da consciência, se esta ainda não está voltada para aqueles 90% que estão suando na arquibancada.

Infelizmente, estamos entre gues a deusa promocional. Alimentamo-nos daquilo que vemos. Daquilo que nos excita e nos transtorna. Mas não é excitados e transtornados que nos deixam expressar a realidade que vivemos. Muito menos sóbrios e conscientes.

Pois do jeito que a coisa está insistindo, do processo ou do sistema em questão, não passamos de meros suicidas, pobres diabos ausentes, que nem santos ou sequer ilustres, mas decididamente anônimos nos distraímos em consumir espaço, tempo e vidas.

Que cambaleantes, atentos sonegadores da sistematização, embebedados de ilusões, continuamos nossa trilha nos trilhos dessa pseudo redemocratização, felizes com o amendoim e a coca-cola, como se a responsabilidade de viver se resumisse num eterno cavalgar para o crepúsculo da Marlboro.

## Destaque para um lançamento

A Editora Comunicação — de Belo Horizonte, acrescenta mais um título à Coleção Estória Brasileira, que inclui Wander Piroli, Ary Quintella, Origenes Lessa, David de Carvalho, Drumond Amorim e outros.

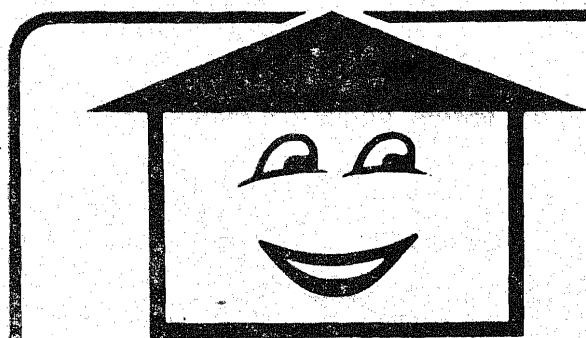
Sai agora o livro de contos, "Eu Choro do Palhaço", de Alciene Ribeiro Leite, 1ª. mulher a integrar a Coleção.

São 17 textos que vão da sátira ao lírico, do folhetim ao social, do "fantástico de pés na terra" ao cotidiano trivial, mas todos com a preocupação de mostrar situações conflituosas para o ser humano.

Para a autora, a literatura não soluçiona dramas, mas exerce o papel de denúncia dos erros do homem para com o próprio homem.

Em "Eu Choro do Palhaço" existe a doméstica neurótica como resultado do velado despotismo da patroa e existe a conscientização da mulher-amélia da classe média que de repente descobre: a vida passou por ela como se fosse uma Carolina de janela; existe a frustração mascarada da prostituta que no fundo aspira ser apenas esposa e o desgaste do relacionamento entre os membros de

família classe A reunida para a Cêia Natalina, existe o contista que sobrevive com traduções num esquema editorial que sufoca sua própria criação e o desencanto de personagem frente ao túmulo do pai como se ele não fosse "apenas ausência sem recado", na véspera de um Finaidos borbulhante de comércio; existe todo um processo de evolução do ódio até às últimas consequências e existe a entrega da mulher solteira madura ao homem que fará dela "a outra, com todas as prerrogativas inerentes, isto é, conforto material e migalhas do tempo e afeto conjugais".



# A CASINHA AGORA ESTÁ SORRINDO TAMBÉM NO GARCIA

# PROBST

Rua Amazonas, 3.176

# (AS)SOCIAIS AKA DÊMICAS

# PUNK-ROCK

## VERDE QUE TE QUERO VERDE

Hoje mais do que nunca, é preciso pensar muito e bem, para não se deixar levar pelas enganadoras palavras dos anúncios publicitários. Multiplicam-se, por exemplo, os anúncios de loteamentos e vendas de imóveis tipo: "invista na natureza".

Investir na natureza, é investir contra ela. (Celso Vicenzi)

### LETRAS & LETRA

— Tá ralado.

— O que? Letras?

Estas reações de descrédito ouvi inúmeras vezes. Quem não reagia desse modo, dava um leve sorriso (forçado), como querendo dizer: coitado. Pois é, eu optei por Letras (convém acrescentar, em 1ª opção). E que culpa tenho de viver num país onde só se dá valor às letras de câmbio, letras imobiliárias e outras do gênero? (Celso Vicenzi)

### ELOGIOS MULTINACIONAIS

Os analistas do "Times", de Londres, afirmam que o Brasil será um poder mundial (matéria publicada em março). Disto ninguém duvida, pois as riquezas que o país possui, provam que Deus o fez num momento de inspiração. Todos sabem também que o processo é lento e difícil. Agora, a impressão que se tem de todos estes elogios (desde que o Brasil foi descoberto, vem sendo apontado como um país de futuro) é que não são tão sinceros quanto parecem. Eles pretendem fazer crer que tudo é uma questão de tempo e que tudo pode continuar como está. Pois sim: a menos que se mude muita coisa por aqui, que o povo lute e não espere por promessas que arranque as sanguessugas que lhe chupam o sangue, a coisa vai continuar como está. É o tal negócio: você monta nas costas de um animal e com um pedaço de comida amarrado na ponta de uma vareta que coloca à frente deste, estimula-o a seguir adiante, certo de que vai finalmente alcançar a comida, recuperando-se das agruras sofridas. Como podem perceber, a noção de distância do futuro é muito relativa, assim como a atual democracia. Enquanto nós acreditarmos e nos orgulharmos destes elogios futuristas, os países imperialistas e suas famosas multinacionais, penhoradamente, agradecem.

(Celso Vicenzi)

### SLOGAN INCOMPLETO

"O Brasil que os brasileiros estão fazendo" — e as multinacionais comprando. (Celso Vicenzi)

### AS FAÇANHAS DE ONTEM E AS BESTEIRAS DE HOJE

Y Juca Pirama, o famoso poema de Gonçalves Dias, conta em seus versos a epopéia de coragem, vivida por um guerreiro Tupi. O guerreiro, feito prisioneiro dos Tamóios, no momento da cerimônia do sacrifício, chorou. Foi libertado, não queriam comer carne de fraco; regressar após com seu pai velho e cego e brandindo o tacape começa a luta sozinho com os Tamóios, até que o chefe gritou: basta guerreiro, provaste a coragem e para o sacrifício é mister forças. E termina o poema, um velho contando para os moços da tribo, meninos eu vi...

Esta foi a introdução da crônica "Além do Vale" (publicada no JSC), de Hécio Reis Fausto, que se esbalda em reatar a "façanha" (ARGH) dos blumenauenses e de moradores de regiões vizinhas, que num dia de muita chuva, foram dar o seu apoio ao candidato a governador, Jorge Bonhausen. E termina a crônica dizendo: Quando contarem por Santa Catarina afora, o que aqui se passou dia 11, sábado, dirão: Foi incrível, foi marcante; Inacreditável até; Que tendo chovido constante; Só mesmo por muita fé. Reuniram-se tantos amigos; Com entusiasmo e calor; Como nos tempos antigos; A demonstrarem por uma; Causa, muito amor; Parece mentira, que tendo chovido tanto; tivesse o povo que tinha ali.; Meninos, eu vi Meninos eu vi...

Justiça seja feita, depois daquela do papagaio fanho, esta é a melhor piada.

OBS: Se bem que o Gonçalves Dias não merecia tanto castigo.

(Celso Vicenzi)

## MARCOS HEISE

Para começar o punk-rock é, como todos dizem, uma música fácil. Pega-se guitarra e bateria, mais um baixo e alguém que berre num microfone e pronto: está feita a banda. Definindo mesmo o punk; é a essência, o esqueleto, a gênese inmutáveis de toda a rebelião e o inconformismo que o rock ainda encerra. Punk traduzindo-se tem vários sentidos: aquele que o define é o "rock porão-mundo-imundo".

E esse movimento hoje explodindo (até no Brasil, vejam só !!!) já florescia desde os anos 60, mas restrito a sórdidos clubinhos e garagens enquanto o rock desenvolvia-se a todos os campos. Justamente com isso ocorreu uma "saturação", e aí os "rock managers" taparam os respectivos narizes e foram buscar o punk-rock do lixo, comercializá-lo, e iniciar a guerra punk X roccó, logicamente com as pupilas brilhantes em (money) Os grupos que rolavam pelos becos e sargetas imundas até o punk conseguir projeção são os Troggs, o Nazzs, o Question Mark and the Mystery, The Seeds, Iggy Pop, Lou Reed, The New York Dolls e outros.

Naturalmente enquanto esses caras estavam nas garagens agredindo a sociedade surgiram grupos baseados nestes e no heavy-metal do Led Zeppelin, Cream, Birds e outros, como os Nazareths, Alice Coopers e Slades da vida que trataram de autopromoverem-se em cima dos punks e dos heavy-metals, acrescentando um açúcarado molho que no fim deu um purgante. Por favor !!! não confundam os charlatões acima citados com os punks originais viventes atualmente dos quais; Sex Pistols Ramones, Tuff Darts, Runaways se destacam.

Esses aí surgiram praticamente todos do coração do punk-rock que é New York City. O estopim foi um boteco chamado C. B. G. B. (Country Blues Grass and Blues) que o ex-hell angel, ex-empresário mal sucedido Hilly Cristal alugou, onde se exibiam os grupos sub-sub-urbanos para uma platéia das mais discrepantes possíveis. O "bar" com uma capacidade de 150 pessoas normalmente lotado, parecia um vagão de trem da Central do Brasil em plena hora do "rush", numa comparação aproximada. Daí resultou a gravação de um álbum duplo intitulado C.B.C.B. live (inédito nessas plagas; só importando), reunindo uma seleção dos melhores que se apresentaram no recinto.

Após essa erupção de urros de rock primal é que a classe se firmou com um sujo que caracteriza músicas rápidas como relâmpagos, acordes básicos sem improvisos, letras cínicas e cortantes, agredindo tudo que se possa imaginar. Só pra ilustrar, o último disco dos Sex Pistols, Never Mind the bollocks (não esqueça os culhões), também não lançado no Brasil, está vendendo que nem chuchu na serra lá nos States e na Inglaterra. Além disso no poll anual da revista Melody Maker os punkers garantiram boas fatias nas mais diversas colocações.

Existem chances de que o punk não passe do estado de nuvem passageira mas contudo 78 será uma boa briga entre as diversas correntes onde vai valer tudo. Destaco que os mocós dos rasgos nas roupas alfinetadas estão contando prestígio com os do rock sinfônico. Vai ser uma briga e tanto.

### COMUNICADO

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.



toalhas

**ARTEX**

A MODA EM TOALHA — Blumenau - Santa Catarina



# CADERNINO ESPECIAL

COM TANTA GENTE PASSANDO FOME, ME PARECE RIDÍCULO QUE HAJA ALGUÉM AINDA ALIMENTANDO ESPERANÇAS. (O.O.J)

## Açoites do meu chão

I  
 são essas vidas suspeitas  
 onde medra a fome e a indiferença  
 searas de mil intrigas  
 contendidas de mil bandeiras,  
 são essas noites em tormentas  
 que a palavra erguida  
 ainda mais desola  
 a aridez das mentes desiludidas,  
 que eu réproba, em minha mesa  
 ensaio minhas primeiras injúrias  
 como a amante desiludida  
 que em primeira vez esbofeteia  
 o infiel amado.

II  
 Oh! América maldita  
 mãe minha que me violentas  
 desembesta fúria adormecida  
 que galope é esse o teu,  
 lenta, assim, entorpecida?  
 que galope é esse o teu,  
 sem cantar, muda assim,  
 esmorecida?  
 Ah! formosa terra prometida  
 prostituta mal paga és, perversa  
 espanhóis, holandeses, americanos  
 virgem ingênua, pouco esclarecida  
 a selva deixaste sugar, mesmo  
 antes do lenho podado, vestida.  
 E gozo estranho esse o teu  
 em estirar-se assim sufocada  
 ante o látego cruel,  
 eram teus filhos poltrões inertes  
 que da valentia despojados

no chão a honra e a lança esqueciam  
 sem lembrar-te, verdejante iris  
 de sonhos desconhecida?

III  
 a omissão pela entrega do pão  
 em cada vínculo ilusório,  
 a pele pelo envelhecimento da carne,  
 a luminosidade uma vergonha,  
 a liberdade uma elegia,  
 a religião um cabresto,  
 pois do mineiro ao lavrador  
 do vaqueiro ao artesão,  
 do síndico ao favelado, somente  
 o engrandecimento, da terra da promessa  
 desastrada cantilena  
 usaste uma a uma  
 das gerações que te sucederam  
 teus filhos, em castas sufocastes  
 e repartidos na natureza, convertidos  
 entre a costa e a serra sucumbidos,  
 arranharam-te às costas o lamento.  
 e nas tumbas esquecidos, campo de encomenderos  
 esmagados em teu seio estéril  
 um a um, teus líderes de raça  
 vergaste-os no estranho compasso  
 trabalho e traição, oportunismo e coerção.  
 assim, nessa corrente de grosso linfa  
 não tens como jorrar mansidão,  
 domada e conduzida por estranhos caudilhos  
 rolas tuas origens alheias à vida  
 como as vidas a ti agarradas,  
 sujeitas à tua flagelação.

(por Maria Odete Onório Olsen)  
 Blumenau-SC

## “As horas”

As horas passam  
 lentamente,  
 marcando no relógio do tempo  
 a mutação constante,  
 as horas perdidas,  
 o futuro incerto,  
 o fluído passado,  
 agitado  
 pelo fenômeno das horas,  
 que passam  
 constantemente,  
 levando para sempre  
 os mosaicos da vida.

Edith Kormann  
 Blumenau — SC.

## Revolução, onde?

Muito bem, rapazes, toda a nobreza  
 Pioneira de Revoluções armadas,  
 De embustes, intrigas e outras ciladas,  
 Não se aliam mais com nossa Natureza.

Da imensidão de toda essa fraqueza,  
 Dessas liberdades já mutiladas,  
 Das mágoas muitas vezes pisadas  
 Que mostram somente nossa pobreza.

Quando tivermos os conhecimentos  
 Reais, das fragilidades de nós mesmos,  
 Já seremos livres nos pensamentos.

Sim, Eu mesmo, limito nesse verso  
 A Angústia que sinto por ainda sermos  
 Os ditos senhores desse Universo!

Oldemar Olsen Jr.  
 Blumenau — SC

# CONTO: NARCISO E OS PARDAIS

O recluso seminarista tinha por hábito furar os olhos dos filhotes dos pardais, indefesos nos ninhos, à noite, nos telhados do seminário; nos sótãos da antiga construção (esquecidos há séculos), nos velhos campanários do templo, com seus sinos sempre mudos, inúteis.

Para esta estranha ocupação, o jovem seminarista munia-se, altas horas da noite, de uma poderosa lanterna de cinco pilhas e, tal um fantasma medieval inglês, cheio de mistérios e idiossincrasias, com um olhar fixo e equisitamente decidido, subia aos lugares onde sabia existir os ninhos das probreznhas aves. Subia nervosamente apressado, mas muito silencioso, não fosse acordar os outros que dormiam (ah, o sono intranquilo dos seminaristas e das virgens!).

Durante o dia, o passeio matinal, Narciso perdia vários minutos dando migalhas de pão aos pardais e, embevecido, via-os alçarem vôo em direção aos ninhos, levando alimentos aos filhotes. Então sorria, um sorriso largo de satisfação que os outros seminaristas interpretavam como "uma devoção especial aos pássaros e à Natureza".

Mas eles desconheciam as verdadeiras intenções de Narciso, suas incursões noturnas e, se soubessem, ficariam vivamente aterrados.

Desconheciam que Narciso usava desse expediente apenas para localizar mais facilmente os ninhos dos pobres pássaros.

Desconheciam que Narciso, com uma grossa agulha, furava os olhos dos indefesos filhotes de pardais, depois de espantar a angustiada ave-mãe, desconcertada em sua fuga devido à luz fortíssima da lanterna e à escuridão fora do feixe dessa luz.

Certa noite, Narciso subia ao campanário à cata de novos ninhos. Já se perguntava, em seus pensamentos, quantos ninhos encontraria, e quantos filhotes em cada ninho... Lá no alto do campanário, Heitor, o empregado do diretor do seminário, contemplava com os olhos cheios de felicidade o corpo semi-despido de Laura, menina de uma boate do outro lado da cidade, quando ouviu os primeiros passos na escada. Sobressaltado, sentiu-se achado, pensou que houvessem descoberto seu esconderijo e seria despedido ali mesmo. "Tanto faz" — pensou. Escondeu-se como pôde e cobriu o corpo da menina. Laurinha não acordara, dormia profundamente. Heitor, apesar do brilho da luz da lanterna, reconheceu Narciso e impressionou-se com o seu olhar fixo, procurando avidamente, com a lanterna, alguma coisa pelos can-

tos. E, naquela noite, pela primeira vez alguém vivamente estarecido e sem ser descoberto, assistiu às estranhas ocupações do seminarista.

Semanas depois Narciso foi descoberto, graças à eficiência de insistentes cartas anônimas que o diretor recebera. Foi surpreendido em flagrante por um dos padres que se espalharam pelos pavimentos superiores do seminário, já no terceiro dia de vigília e já com os religiosos meio desiludidos com as informações anônimas.

Narciso perante seu diretor, termina, tentando explicar seu estranho procedimento. Meu mestre, começou, eu pensei muito, muito tenho pensado, desde a infância, e decidi tomar esta decisão, que, à primeira vista, poderá ser considerada um sacrifício, e os religiosos, vivamente impressionados com sua teimosia, mas, meu mestre, tentei, desde tempos imemoriais fazer, estabelecer um equilíbrio ecológico entre duas espécies de aves, nesta região, que aves, como pode afirmar isso, ainda por cima, os religiosos; pelo fato de que os pardais e os tico-ticos são compatíveis, suas características diferem frontalmente, meu mestre, tentava convencê-lo; como assim, explique-se; e Narciso, que prestasse atenção, meu senhor diretor, ora, os par-

dais, muito mais lojam os tico-ticos habitam, contribuindo para a extinção da espécie discriminada, até mestre com seus tam, acabam, com os tico-ticos agiu assim meu filho Narciso, sim meu começo um extermínio dos pardais, para que os tico-ticos sobreviver, pelo método seminário, onde não dáis todos os dias, sem graça, teria que tinha os tico-ticos um encanto, quanto à noite é sinuoso no dia seguinte...

Naquela tarde no seminário, várias obras feitas, várias obras foram citadas e colocaram sabendo tico-ticos e tico-ticos; Narciso a todas as perguntas dotado de estranha oratória, para convencer, realmente religiosos a saírem à caça de pardais, começando a miná-los antes mesmo de voar, rumo à vitória.

Mas por que juízo que então não os golpe, instantaneamente furava os olhos dos ninhos? Ah, senhor...

## A cabeça

Tua cabeça rola pela calçada da grande avenida central da cidade de cimento. O céu joga sobre teus cabelos a força da chuva cortada de relâmpagos rasgados pelo vento.

O cachorro gane, o gato se encolhe de frio, a janela se fecha ao mesmo tempo das portas de ferro para os animais nascidos na necessidade social. E tua cabeça em risos loucos bate nos postes nos lixos nos muros.

Forte ventania te projeta aos pneus molhados de desesperados carros na busca de ar.

Já agora no passar do tempo as luzes da cidade se aquietam. Não passam pela avenida pessoas a pé. Apenas prossegue seu trajeto tua cabeça. Letreiros apagados conseguem ainda dizer:

Banco Nacional  
 Banco Internacional  
 Importação  
 Inflação  
 Angústia.  
 O cheiro do esgoto enterrado

atulhado de restos do que resta dos intestinos prediais lambe teu rosto. Teu cérebro reza prece ao passar pela Catedral fechada!

Amanhece... O fotógrafo bate foto da situação:

a cachorrada humana do beco no final da avenida  
 estraçalhando tua cabeça  
 teus olhos  
 tua boca  
 e apenas teu cérebro registra as pontadas afiadas dos dentes da ira da fome da disputa do poder da força dos cães.

Anoitece... paz, sossego, canções. O sol abandona o asfalto. Manchete: "ESTA CABEÇA É TUA"

Correste à redação, também corri: "ESTA CABEÇA É NOSSA!" Estava irreconhecível... malditos cães!

Um grupo de pessoas despidas e bondosas pessoas apanharam nossos restos arrebetados no sangue, em suas casas nos tratarão. Uniram os pedaços até o ponto de ativar nosso ele conseguiu pensar...

maravilhoso momento: comeram tua cabeça que deixaram nosso pensamento as pessoas guardaram nossa num pote com álcool. Pedimos para que nossos olhos não recusaram.

Unimos nossos pensamentos noutra cabeça para rolar pela avenida principal cair nos becos subir para as favelas passar pelos atulhados bancários enfrentar os dentes famintos dos donos da verdade.

combativos, desa-  
da região onde  
indo para a ex-  
nã chegasse já  
a pela caça in-  
crianças, meu  
estilingues, ma-  
os pobres bichi-  
; por isso você  
no?, o diretor; e  
mestre, decidi  
ermínio parcial  
contribuir para  
possam também  
enos na área des-  
e só vemos par-  
canto horrível e  
ue escutar à noi-  
s, meu senhor,  
do se ouve seu  
al de bom tempo

memorável do se-  
ergentas foram  
s sobre Ecologia  
nsultadas, todos  
tudo sobre par-  
Narciso responde-  
untas e partira,  
os poderes de  
vencer (e con-  
) , todos os reli-  
caça dos filhotes  
ando por exter-  
esmo que alças-  
ida...

liava tanto, por  
matava de um só  
mente, por que  
pobres bichi-  
isso tinha que

explicar, sim, meu mestre, não fa-  
ria mais isso, meu ódio já amainou,  
sim senhor, carregava isso desde a  
infância, quando saía com meu es-  
tilingue à caça dos pardais nojen-  
tos, quanto trabalho me deram, os  
espinhos, o mato, uma vez fiquei  
perdido por causa desses diabos,  
que me perdoe a palavra, meu mes-  
tre, mas é necessária a parcial ex-  
tincão desses pardais dominadores,  
que chegam e imperam; nas cida-  
des então, é uma desgraça, se usas-  
se uma funda, em plena rua seria  
fácil acabar com grande parte de-  
les, tão mansos eles já se torna-  
ram, adaptaram-se à poluição, ao  
barulho, ao borburinho da cidade,  
voam desesperados á procura de  
qualquer migalha que caia no chão  
e, nos parques públicos, enchem as  
poucas árvores promovem aquela  
algazarra tola, barulhenta, absur-  
da, dominando tudo, não permitin-  
do a aproximação de outras aves,  
exasperante mesmo esta espécie,  
meu mestre, meus colegas; os tico-  
ticos sim, avezinhas dos campos,  
verdes campos, dos quintais e que  
agora, que tristeza, meu senhor,  
andavam tão ariscos, não era mais  
como na infância, quando chegara  
a fazer com que um deles pousasse  
no meu braço, fora belo meu mes-  
tre; e o sacrifício dessas lindas  
avezinhas, chegam a criar os filho-  
tes de outras aves que põem seus  
ovos nos ninhos dos caridosos tico-  
ticos. isso sim, meu senhor, é que  
são avezinhas generosas, sociáveis,  
hospitaleiras, ao contrário desses

## Nota bibliográfica

José Roberto Rodrigues: poeta e  
contista, premiado em quatro con-  
cursos de contos e poemas. É edi-  
tor do Suplemento literário do

Jornal de Santa Catarina. Breve-  
mente lançará livro de poemas. É  
blumenauense, nascido a 26 de  
maio de 1953.

desajeitados e combativos pardais,  
briguentos e sem graça, gulosos e  
miseráveis...

Em total discordância ao que se  
possa deduzir, aconteceu algo iné-  
dito, estranho, influindo em toda a  
movimentação diária no seminá-  
rio. Narciso fora tão perspicaz uti-  
lizara um vocabulário tão convin-  
cente (ao lado de seu estranho po-  
der de oratória), empregara termos  
científicos, atestadores, palavras  
bem colocadas, além de ter usado  
seu habitual poder de persuadir  
a todos que o cercavam, que aca-  
bou mesmo convencendo seus su-  
periores e seus colegas. Um ponto  
em que não concordaram, porém,  
era a morte lenta e cruel dos po-  
bres bichinhos, cegos machucados.  
A Ecologia ali marcara um pon-  
to (?) e o louco Narciso invertera  
o quadro: agora, dezenas de semi-  
naristas, debaixo de suas batinas,  
andavam armados de fundas e pe-  
drinhas, e os passeios eram gastos  
exclusivamente para caçar os par-  
dais, estas avezinhas "sem graça,  
gulosas e miseráveis". As migalhas  
de pão eram tiradas somente aos  
tico-ticos, os primeiros que já co-

meçavam a aparecer, ainda de  
muito tímidos, desconfiados, muito  
ariscos mesmo.

Os meses passaram e no seminá-  
rio nunca mais se viu um pardal.  
À noitinha pelos telhados, pelos  
campanários, pelas árvores, ouvia-  
se a doida sinfonia dos numerosos  
tico-ticos, além de outras aves fer-  
renhamente protegidas pelos se-  
minaristas, especialmente por Na-  
ciso.

Algumas décadas se passaram  
(Narciso já havia morrido) e no  
seminário havia um jovem muito  
esquisito. Seu nome: Osircan.  
Costumava, no passeio matinal,  
perder vários minutos dando miga-  
lhas de pão aos tico-ticos, e, embe-  
vecido, via-os alçarem vôo em dire-  
ção aos ninhos, levando alimentos  
aos filhotes. Então sorria, um sor-  
riso largo de satisfação, antevendo  
o prazer que lhe sobrevinha, às  
altas horas da noite, ao subir com  
os olhos estranhamente fixos, lan-  
terna poderosa de cinco pilhas na  
mão, e uma agulha ao furar os  
olhos daquelas avezinhas tão sem  
graça, os tico-ticos...

## Somos o que vivemos

Sim, somos o que vivemos,  
roubo-te o verso, e tu  
roubas-me o gelo de minha tumba...

Pareço-te acontecimento olvidado, mas na realidade  
aquilo  
não foi mais que uma porta,  
em forma de punhal  
que riscou meu peito e soltou de reperente  
a dor caudalosa da infância.

O amor ferido queria arrulhar  
em teus lábios a margem de tua voz;  
mas estavas louco e não acertaste  
com a solidão que empunhava teu ato.  
Pobre de mim e pobre de tí.

Eu saí pelo domingo como pomba sem verão.  
e aceitei teu silêncio tão largo como tão cúmplice  
e esperei anos e anos por esta carta  
na qual me anuncias hoje que estás vivo  
e me perguntas onde vou, como estou  
e se ainda...

Roberto Diniz Saut  
Blumenau — SC

Teresinka Pereira  
Colorado — USA

## Aguas passageiras

Mar verde branco.  
Automóveis nos sobrados-garagem.  
Pessoal no baralho.  
Panela no ínfimo gás.  
Batuque na barraca.  
Neblina nas dunas.  
Lagoas no cerrado.  
É chuva na praia.

Itamar Aguiar  
Blumenau — SC

## Retrato

bebia das fontes eternas  
hoje não fumo  
nem bebo mais  
a viela estreita  
dessa gente  
era meu encontro  
luto hoje  
prá lembrar direito...  
menino ainda  
passarinho bom  
antevia sentimentos  
perfumando gestos  
hoje antevejo passos no corredor  
há ruído e fumaça  
some a cor do dia  
anoitece  
passa a fantasia.

Hélio de Lima  
Uberlândia — MG.

## Fior morena

O teu rosto está banhado de mar  
e tua pele reflete o sol de hoje em dia  
Ah! Fior Morena  
Flor Morena

Teus pés descem os cursos dos rios  
O amor nas montanhas te alegra  
Ah! Fior Morena  
Flor Morena

Eu que soube do canto e da noite  
Eu que andei pela areia e poeira  
Muitas vezes não encontrei teu abraço  
Flor Morena  
Teu amor que eu tanto luto  
Um coração único em todo continente  
América do Sul e África Eterna  
Flor Morena

Os teus olhos de bronze e de céu  
Não há porque negar a cor da alma  
Quando não é a cor do cabelo  
que se carrega no coração  
Ah! Fior Morena  
Flor Morena

Quantos dias te banhas nos lagos...  
Teu espírito não é o espírito de toda Nação  
E todas as nações de teu corpo  
ainda não te ensinaram a caminhar

E a espera é sempre esperança  
Não ver o rico roubar  
Não ver o pobre sofrer  
Não existir homens que não são de tua cor  
arrancando de outros corações  
com muita dor  
as raízes que brotam fragilmente  
mas que é a nossa união

Ah! Fior Morena  
Flor Morena  
Continente de nossas almas...

Luís  
Bombas — fev 78

## Maltratando andorinhas

Acho assombrosa esta minha vida  
Admiráveis estes meus dedos vivos  
Estas minhas sombras  
Estas idéias surreais

No elegante vaso de idéias  
sobre a mesa,  
no papel,  
desloco-me sem nojo algum  
dos anjos

São altos estes meus objetos recriados  
São mais altas ainda estas  
saliências em minha face  
Em minha face  
Em minha dupla face

Louco de lúcidas idéias  
Louco de suaves idéias lúbricas  
Louco na exuberância da vida  
Louco na exuberância da morte  
Um predestinado a maltratar andorinhas  
com as mãos

Vilson do Nascimento  
Blumenau — SC.

## Rebanho

Comendo o verde do capim  
por entre o amarelo das flores  
bebendo o azul fresquinho do riacho,  
somos pontos brancos a pastar  
felizes.

Embora o pastor esteja em sua casa,  
em companhia de muitos amigos,  
não podemos correr balir ou nos separar do bando  
de ovelhas pacatas.

São tão cruéis os cães  
policiais!

Temos medo de seus dentes (afiados  
como baionetas).

Contudo, não somos os únicos a temer os cães  
policiais:

as formigas operárias quando voltam para seus  
[buracos

carregando capim ou nada,  
evitam este caminho.

Vão andando apressadas  
direitinhas no caminho estreito  
riscado pelos campos — aqui, além, acolá —  
pelos amigos do pastor.

Os pássaros quando cantam  
cantam música

que não desagrada o ouvido  
do pastor ou dos cães.

A todo momento o perigo é companheiro:

os cães nos mordem por ordem  
ou desfastio,

o chicote do pastor nos faz romper o silêncio  
com um AI

dolorido;

o falcão nos vigia do alto

— que injustiça!

Porém, um dia o vinho acaba

e, com ele, tais festas...

Ando desconfiado do riso das hienas,

de sua tão boa ventura,

nestes tempos tão difíceis.

Paulo Cesar R. de Almeida  
Ouro Preto — MG.

## Utopia

Madrugada chegou eu tenho que ir  
Em busca do sol, do sal do mar  
do brilho da chama que aquece  
reluz e revive.

Gaivotas fugiram de minhas mãos  
partiram, sentiram a noite chegar.

Rumar ao alto mar e imergir  
sumir no fundo das águas, nas algas  
Decompor-se e marea, em poeira  
que a brisa encobre.

Surgir na onda espumante e reluzente  
absorvido pela estrela da manhã  
em sonho, num mundo novo  
viver e voltar.

Cair por fim em rosa a se abrir  
Feito néctar, feito abrigo  
ninho acolhedor de quimeras mil e  
então, se eternizar.

Izabel Pavese  
Blumenau — SC

**Crônica**

**SER LIVRE...**

por Antônio Juraci Carlini

Um dia, muito pequeno ainda, aprendi a Liberdade. Devo ter parecido um tanto estranho. Jamais me prendi a coisa alguma. Meus limites, eu mesmo os estabelecia dentro de certos parâmetros que minha índole contemplativa e meu espírito inquieto me apresentavam. Não que eu estivesse sujeito a restrições. Como qualquer menino, eu me devia submeter à família. Havia a implicância da mamãe por eu me afastar repetidamente e durante muito tempo de suas vistas protetoras. E as repreensões do papai por me ver em companhia dos moleques arteiros da vila. As advertências severas da vovó. Lembro bem de quando vovó dizia: — "Essa aí, se não lhe tomarem as rédeas desde cedo, depois não haverá mais quem o segure!" Até mesmo uns cocres e petelecos me vinham, às vezes, de improviso, como sinal de que eu ultrapassara as delimitações impostas pelo amor da família, pela estrutura social e pelo bom senso.

Mas eu não ligava para as repreensões que me faziam sempre com serenidade e benevolência comoventes. Eu era muito curioso. Vezes tantas eu me surpreendia com as minhas descobertas. Era gostoso lutar por uma conquista. Bastava só fazer tudo certo, ser prestativo e amável, e lá vinham, como recompensa, boas horas de completo abandono, preenchidas sempre com as mais exóticas aventu-

ras. Aprendi a lutar pela Liberdade. Aos poucos, as repreensões diminuíam. Eu me sentia amparado por uma sensação de confiança. Houve mesmo um tempo em que eu próprio achava que minha família depositava em mim uma confiança exagerada. Mas era bom sinal. Eles me pensavam como gente, num diálogo imenso, nem precisando falar para se entender. Tudo muito bom de ser, num ambiente de muito amor. A autoridade de minha família nunca foi egoísta e despótica. Aprendi a franqueza e a confiança. As ordens que eu acatava vinham de uma liderança segura e honesta. Nunca lhe percebi medo ou hipocrisia nas atitudes. Porque se uma liderança tenta tolher o indivíduo é porque o teme. Teme pela sua posição pelos seus privilégios. E todo temor gera hipocrisia.

Desde muito cedo eu lia toda a sorte de livros. Ninguém nunca me disse que os livros estrangeiros eram proibidos. E deles só aprendi coisas boas. As teorias que assimilei me resultaram num comportamento adulto, amadurecido, e numa perspectiva ampla de todos os problemas que se desenrolam no Universo.

Eu amava minha família, minha vila, minha Pátria. Minha felicidade era quase completa, porque ninguém tinha uma família como a minha e uma Pátria como a minha, onde a liberdade era um fato, tão concreto, tão palpável, tão completa. E no meu país

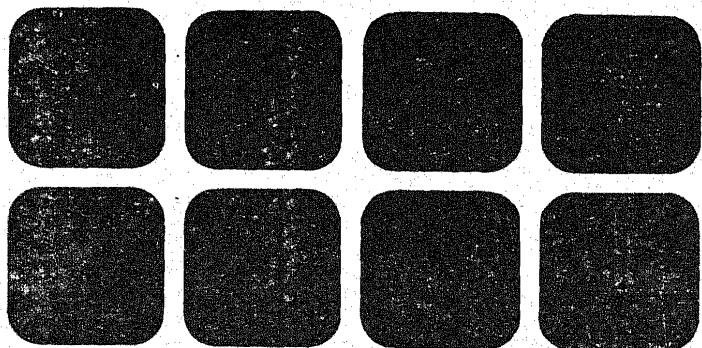
não havia senão os problemas rotineiros, sem graves transtornos. Éramos pobres, subdesenvolvidos e tínhamos consciência do fato. Lutávamos todos por dias melhores para a nossa Nação. Iludíamos-nos com promessas de grande realizações econômicas e sociais e de amadurecimento político. Malogradas esperanças...

Hoje, eu me sento à mesa, cansado, pensando na vida. Por um instante me transporto no tempo. De novo me vejo menino, correndo pela ampliação verde do campo. Terras amigas, bosques amenos. A vila da minha infância. O menino que sou tem saudade do menino que fui. Hoje os humanos não confiam mais uns nos outros. Cada um vê no semelhante um inimigo. É triste quando não confiam na gente. A gente tem vontade ser mau de propósito, só para mostrar a nossa força, o potencial da nossa maldade. E a nossa liberdade se perde no caudal de senões que nós mesmos nos impomos.

A Liberdade é muito mais uma condição interior do que um estado aparente de coisas. E essa liberdade interior resulta de atitudes corretas e coerentes, de uma sinceridade muito grande para conosco mesmo e para com os outros de um amor transcendente para com o ser humano e de uma disponibilidade para o auxílio e para o crescimento mútuos. Esta é a liberdade que minha família me ensi-

nou e que eu almejo para o meu povo. Não é uma liberdade fundada sobre dogmas e ideologias que eu quero. Porque, conforme salienta o Papa Paulo VI, na Carta Apostólica comemorativa ao 30º aniversário da Encíclica Rerum Novarum: "As ideologias mais revolucionárias não têm como resultado senão uma mudança de patrões. (...) Instalados por sua vez no poder, estes novos patrões rodeiam-se de privilégios, limitam as liberdades e instauram novas formas de injustiça".

Hoje falam tanto de paz, mas continuam promovendo a guerra e as injustiças. Como é possível a paz sem justiça social? Enquanto houver opressões e opressores, enquanto houver ricos e pobres, enquanto houver forte e fracos, sempre haverá luta. Porque os fortes sempre abusarão de sua força, e os fracos se organizarão para a defesa. As elites no comando se substituem. Os regimes caem. Outros ascendem. Mas o mundo continua no mesmo. Nada mudará no mundo enquanto os homens não encontrarem a liberdade interior e a consequente paz interior. E a propósito da paz, é novamente Paulo VI que afirma: "A paz é algo bem diverso da ordem estabelecida ou da ordem a qualquer preço. (...) Uma ordem aparente, sem agitações civis ou internacionais, pode encobrir ou dar aparência de legalidade a uma desordem real".



**Flamingo**

**BLUMENAU  
ITAPEMA  
FLORIANÓPOLIS**

**TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.**

IMPRESSOS EM GERAL

**"ATENDEMOS BEM PARA  
ATENDER SEMPRE".**

**BLUMENAU:** Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo  
ao estacionamento Golden Star.

**ITAJAÍ:** Rua Hercílio Luz, 309 2º andar — Sala  
8 - fone 44-0315

# 2a. Coletiva Nacional de Arte de rua em Brusque

Será realizada em Brusque (SC) de 22 à 29 de abril a 2ª. Coletiva Nacional de Arte de Rua. O evento tem o patrocínio da Associação Artístico Cultural de Brusque, a colaboração da Prefeitura Municipal de Brusque e a organização do Grupo Cogumelo Atômico.

A Abertura será dia 22 às 20 horas na Praça Barão de Schneeberg (jardim).

## O IMPORTANTE É A ARTE EXISTIR ONDE EXISTE O POVO

Incluindo Artes Plásticas, Fotografia, Artesanato, Imprensa Alternativa, Cartuns, Folclore, Poesia, Ecologia e Música... A Coletiva promete repetir o sucesso de sua predecessora o ano passado, organizada pelo mesmo grupo que tem em Luiz e Grimm seus maiores entusiastas.

Estarão participando dessa Coletiva nomes como: Leonhard Frank Duch nascido em Berlim e atualmente residindo em Recife; Hélio Leite de Campinas SP, Guedes de Tubarão SC, Antony Willian de Saquarem RJ, Gilmar Eli Cardoso de Araçongas PR, Suzana Stahlschmidt de Porto Alegre RS, Marcus do Rio de Salvador BA., Jorge Prudêncio de Tubarão SC, Fernando Silva Rio de Janeiro, Walter Luiz do RJ, Ota do Rio de Janeiro, Antônio Luiz de Andrade RJ, Raynério Krieger de Brusque SC, Widman W. Muller Brusque SC,

Buss (Brusque SC), Bruno L. Hellmann de Brusque SC, Samba de Brusque SC, Ligia L. Schaefer de Brusque SC.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**ALMIR S. FELLER** — É um dos pioneiros pela popularização da Arte de Rua em Brusque. Lá pelo começo dos anos 70, juntamente com Luiz, inicia exposição de obras populares na central da cidade.

"Éramos quase ignorados pelas pessoas que ali passavam mas isto nos dava forças, porque sabíamos que era ainda um movimento embrionário e que haveriam muitas batalhas pra vencer".

"Essa Coletiva é uma batalha para uma maior integração do povo com a arte".

**J. GRIMM** — Nascido em Brusque, Grimm desenvolve junto com os outros elementos do Grupo Cogumelo Atômico um trabalho sério de conscientização de levar arte ao povo, de mostrar que pelos atalhos, além dos caminhos convencionais, também existem coisas para serem admiradas.

Atualmente, Grimm desenvolve trabalhos em dregradê, com temas nordestinas e desenhos a nanquim, com temas surrealistas.

**LUIS** — Nascido em Brusque, iniciou-se em HQ, depois arte-pope, re-

centemente, desenvolve alguns trabalhos de pesquisa. É um dos fundadores do Grupo Cogumelo Atômico.

"Incluimos ecologia na Coletiva porque, como diz o chefe Seattle: "há uma ligação em tudo", e queremos levar ao conhecimento das pessoas manifestos e matérias desse assunto. A gente não precisa esperar acontecer pra depois ficar lamentando e berrando, né? A gente pode evitar acontecer, basta as pessoas denunciarem os perigos que afetam o meio ambiente perto de suas residências".

Dia 28 de abril será realizado em Brusque um Encontro da Imprensa Alternativa Catarinense. Para o encontro estão sendo convidados todos os órgãos alternativos do Estado, como também jornalistas da grande imprensa independente.

O encontro discutirá assuntos como:  
 — Levantamento da atual situação da imprensa alternativa em Sta. Catarina.

— A possibilidade da criação de uma cooperativa de jornalistas catarinenses e o conseqüente lançamento de um jornal.

A luta pela liberdade sindical (dos jornalistas).

E depois de tudo isso,

**A JUSTIÇA COBRIÇA A TERRA  
 COMO A ÁGUA COBRE O MAR.**

## Carnaval holandês á moda brasileira

Wilson Lang

No Palácio de Congresso da Cidade Haia, Holanda, anualmente os foliões holandeses se reúnem no baile intitulado "Carnaval No Rio". A origem desta festividade está no filme brasileiro Orfeu Negro que ao passar pelas telas holandesas impressionou tanto com sua animação carioca que decidiram organizar uma festa carnavalesca á moda brasileira. Ultimamente, a organização da folia atingiu tais proporções que foi preciso instituir a Fundação Carnaval no Rio, sob cujos auspícios é realizada a festa.

E para garantir a originalidade, os preparativos começaram logo depois de terminado o baile anterior, para o que os organizadores contam com a assistência da Embaixada brasileira em Haia, que faz vir do Rio as mais recentes gravações de música carnavalesca.

Conhecidas orquestras de Rádio e TV ensaiam diligentemente sambas, marchas e frevos, para que na noite de Carnaval possam executá-los o mais fielmente possível.

Na noite da festa, geralmente em fevereiro ou início de março, faz muito frio na Holanda. Os foliões chegam em

grande número: diplomatas, empresários, estudantes, e todos aqueles sedentos por uma boa festa carnavalesca.

As nove horas da noite a orquestra ataca o primeiro samba, e os participantes se entregam á alegria, exibindo caprichadas caracterização e trajes que vão desde esvoaçantes vestidos de noite até as figuras cômicas das histórias de quadrinhos, fantasias cobrindo inteiramente os corpos ou exuberantes criações que praticamente desnudam.

Para se ter uma idéia, em 1974 quando da crise de petróleo decorrente do boicote árabe, apareceu na pista de dança uma bomba de gasolina ambulante e numerosos xiques.

Exclenetes prêmios são concedidos às mais belas e originais fantasias, individuais, em pares ou em grupo. O júri onde a imprensa é amplamente representada, procede igualmente a eleição de Miss Carnaval do Rio.

Um espetáculo de muita cor e beleza numa terra tão distante, que abre seu coração para a Cidade Maravilhosa que abre seu coração para a Cidade Maravilhosa que muitos amam, porém poucos visitaram pessoalmente.



**MINI MERCADO  
 FIAMBREERIA GLOBO**

Rua XV de Novembro, 1464  
 (cm frente ao Banco do Brasil)

Fone: 22-5036

Blumenau

Santa Catarina

**ENTREGA A DOMICILIO**

**CALCULADORAS CIENTÍFICAS  
 E FINANCEIRAS**



**HP-21, HP-22 e HP-25**

**ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA**

**CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX**

**ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.**

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296

Blumenau

Santa Catarina

# UNIVERSIDÉIAS

## Crônica do Presidente

A equipe de trabalho, formada pelo DCE e Diretórios Acadêmicos, que cresce a cada instante, em menos de dois meses de atuação já pode apresentar um saldo de realizações capaz de justificar os nossos proselitismos.

É claro que não foi sem sacrifícios de todas as ordens, não se mencionando os percalços provocados, que atingimos estes resultados, argumentos suficientemente fortes para propiciar ao estudantado e à comunidade esperanças e confiança na atual gestão.

É comum dizer-se que o universitário é alienado, omisso e desinteressado pelas coisas que lhe dizem respeito, mas o resultado que ora apresentamos é uma resposta aos cépticos e ao mesmo tempo um convite para que, também eles, no desempenho de suas funções, ajam de espírito novo e atinjam as realizações que exigimos.

O DCE e os Diretórios Acadêmicos, neste primeiro relatório de atividades apresenta como realizações:

1 — Reforma nas instalações da Sede administrativa, proporcionando melhores condições de trabalho e atendimento aos acadêmicos.

2 — Dinamização dos serviços administrativos com a implantação do orçamento e sistema contábil-financeiro, para propiciar melhor controle na aplicação das verbas dos Diretórios.

3 — Aquisição de móveis e equipamentos para os DAs e Cantina (RU), representado por aquisição de mesas de trabalho e complementos, bem como a instalação de novas mesas na Cantina, objetivando um melhor conforto e aproveitamento de espaços.

4 — Realização do Curso de Decoração, que contou com a participação de mais de cinquenta universitários e pessoas da comunidade blumenauense, prevendo-se, pelo sucesso alcançado, um novo curso no segundo semestre do ano.

5 — Concorrência pública para o arrendamento do Restaurante Universitário, procu-

rando-se obter uma melhor valorização do patrimônio dos universitários.

6 — Maior incentivo ao Jornal Acadêmico, órgão de divulgação do DCE e dos DAs, acrescentando-se 4 páginas e aumentando a sua tiragem em cem por cento.

7 — Realização da Semana dos Calouros, que representou a abertura para um melhor entrosamento, entre universitários e o despertar para uma consciência mais universitária, voltada para o espírito de participação.

Aliada aos resultados apresentados, unimos as nossas forças no sentido de manter um bom relacionamento junto ao corpo diretivo da Universidade e das Faculdades, tendo-se em mente condições de melhor atuar em benefício do universitário.

Da mesma maneira um ingente trabalho já se desenvolve em relação as promoções que seguem:

Baile dos Calouros, Conferências, Jogos interfaculdades e Jogos Universitários III<sup>o</sup>. Festival Universitário da Canção, promoções que já despertam o interesse da comunidade universitária.

Como equipe de trabalho existimos há somente dois meses e já nos sentimos confortados pelos bons resultados que até conseguimos.

Aprendemos que a Universidade tem que ser mais humana. É preciso acabar-se com o formalismo, pois este só beneficia aos que nela ocupam cargos.

Não se pode impedir, por exemplo, que por excesso de zelo no desempenho de seus cargos, o universitário sente no gramado ou que use algumas mesas ou cadeiras, fora da salade aula. É preciso entender melhor o universitário. É preciso construir não destruir.

P.S. O Diretório central dos estudantes, agradece a participação e o apoio dado pelos diretores das faculdades e professores da Furb à "semana do calouro".

**Silvio Borges de Jesus**  
Presidente do DCE.

## Semana do Calouro: explosão de mentalidade

Seis dias de dedicação ao calouro, o famoso "bicho", seis dias de intensa correria atrás da máquina com a finalidade de receber o calouro e não rejeitá-lo.

Muitas pessoas, até populares que nada têm de universidade, até professores que dão na saudade de recordar o tempo de estudante, até professores que professam as ideias acadêmicas porque não envelhecem no seu pensamento vivo, dinâmico e jovem, até veteranos, que se dizem universitários integrados na realidade brasileira, presenciaram uma série de acontecimentos que circularam os principais centros universitários de Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Joinville, Lages).

De segunda a sábado (13.03 a 18.03 de 1978) as Universidades estiveram infestadas de pensamentos universitário, de espírito aberto, de convicções artísticas, sociais, políticas e de integração. Um princípio apenas unia esforços dos Diretórios Centrais: conscientizar o estudante do ensino superior de sua importância no contexto brasileiro. O futuro do nosso país não está nas suas riquezas naturais, esta antes de tudo na força de nossas universidades, esta antes de tudo na força estudantil, está antes de tudo na formação de verdadeiros líderes e capacidades universitárias, está antes de mais nada na evolução de uma nacionalidade no meio do universitário, com base na compreensão da realidade nacional, do regime político que vivemos, das aspirações do nosso cidadão brasileiro, das finalidades e objetivos da educação nacional, das necessidades do nosso querido país, e de muitas outras realidades.

Era costume receber o "calouro" com lama, tinta e sujeira, simbolizando o desprezo que o mesmo fazia nascer da sua aprovação no vestibular. Agora, criou-se uma revolução neste sentido. Os veteranos, convencidos da importância da renovação de capacidades, de ideias, de ideologias dentro das nossas universidades é que se propôs oferecer ao "iniciante na gloriosa luta por um curso superior" uma recepção social artística, musical, política-estudantil (como princípio da política externa), de tal modo que, através da cultura, do diálogo, da música se perceba a grandeza e a importância para o nosso país da "classe universitária".

Outro sentido que os Diretórios Centrais de Florianópolis, Blumenau, Joinville e Lages quiseram emprestar à Semana do Calouro, sem qualquer dúvida, foi o de integrar o pensamento do universitário de Santa Catarina, foi o de fazer ver que as Universidades não são ilhas, elas apresentam, sim, as mesmas finalidades, os mesmos objetivos gerais, a mesma preocupação, e os seus integrantes apresentam os mesmos problemas, têm interesses em comum, vivem numa mesma realidade nacional. Os presidentes, numa união de esforços momentos que viessem fazer com que o calouro meditasse na sua condição de estudante, na sua condição de ser humano, na sua condição de brasileiro, na sua condição de pessoa inserida num determinado contexto político estudantil, social, educacional e cultural do nosso Estado, é, do nosso país, por extensão.

Além do mais não se pode conceber Diretórios Acadêmicos apáticos aos acontecimentos, às dificuldades do nosso estudante, aos anseios da classe universitária... estariam eles próprios caindo numa incoerência talvez até fatal para a sobrevivência dos Diretórios Acadêmicos, dos Diretórios Centrais, da esperança num futuro aberto á participação efetiva do universitário na vida política do nosso país.

Há premente necessidade de formação de lideranças nas Universidades para um Brasil nosso, sem as manchas do comunismo, sem a vergonhosa covardia terrorista, sem qualquer intensão subversiva. Até parece que o universitário, pela faixa etária que passa, pela vontade de participar da realidade nacional com suas ideias, capacidades e conhecimentos é considerado "sob censura".

Os propósitos da Semana do Calouro trazem sinceridade vontade de acertar, desejo de integrar o nosso estudante, de lhe propiciar momentos de paz, esperanças e convicções.

Que seja o universitário compreendido em suas intenções.

# UNIVERSIDÉIAS

## KOISCE'S

TITO VILLE

1

Plínio Marcos teve palestra, diálogo com universitários na decantada semana do calouro. Universitários presentes: uns quatrocentos e tantos (lotou o pequeno auditório da Carlos Gomes). Professores furbeanos presentes: dois. Universitários ausentes: não quiseram ser liberados das aulas (ou... não lhes foi permitido sair da aula). Professores ausentes: — quem é Plínio Marcos?

O desinteresse pela coisa brasileira é total... geral, já virou costume!

2.

Quatrocentos e tantos ouviram Plínio Marcos. Cinco lhe dirigiram perguntas. O resto aplaudiu a realidade brasileira...

3.

Koisce's pergunta: — o que o tal de R.D.S. entende por "alimentação", quando presenteia os calouros com aquelas feudo-frases no Boletim nº. 1 "Calouro" publicado na semana do calouro?

4.

Há muita diferença entre decantar uma realidade e viver esta realidade! (Tito Ville).

5.

Momentos de Psicologia (numa aula de Lia Prá Neto). Turma: Educação Física. Ao fundo da sala um grupo lendo "Acadêmico", ao quadro negro (que já virou verde) teorias e anotações sobre reforço positivo, reforço negativo (coisas sérias da matéria). Num determinado momento chega um cara (magro que nem esqueleto pronto pra sumir), encosta sua bicicleta (mais feia que o dono), olha pra dentro da classe, vai entrando (faltam apenas cinco minutos para o término da excelente aula). Ao faltar dois minutos, outro cara (deve ser parente do magricela) se levanta, estica a perna e pula a janela: by, fessora tô na de pegar meu bonde...

— Psicoterapia de grupo?

— Nada disso, cara, fisiopsicopatomania, creia. Uma questão de descoordenação mente-físico.

Tá todo mundo dando uma de fazer poesia. Tito Ville vai também mostrar sua arte. Fiscalizem este poema nascido debaixo de um ponto de ônibus (que levou meia — hora para apontar):

Sol...

Caramba como tá quente!

Oh! Lua... luas...

Não...que esburacadas [ruas.

Verdade...

Pô... amanhã tenho de [pagar

a universidade...

Tô na pior de duro

só dinheiro pra café (zinho).

Caramba, aí vem o ônibus, se perco esse...

7.

Olha! um aviso para os que não entendem "Koisce's"...

isto aqui não é coluna social não. Esta explicação vem do fato de a gente ter sido parado no corredor principal da Furb, por alguém que não se sabe ainda quem é, mas que se chama Daizi lá de tantos Pereira: — oi, gente!... vocês conhecem um tal de Tito Ville? (a danada não sabia que perto dele estava eu (a gente), e o diabo é que estava ela olhando pra mim). É que eu gostaria de dar uma notinha minha, assinada por mim.

Tu tá certo, garota da sociedade furbense... mais uma pra nossa coleção de desfiles após às onze horas da manhã no quente sol da avenida.

8.

Atenção: você está com fezes amolecidas? com problemas intestinais? por favor... use suavex e não "Acadêmico" pra situação não piorar. O pessoal tá usando papel higiênico para enxugar as mãos e pra limpar "aquilo tão usando jornal (oh! menina, por favor!)

9.

Aconteceu na Furb:

Professor de Direito Civil: — Caros alunos, podemos admitir apenas dois grandes e famosos civilistas de renome nacional, já com fama exportada... o outro vive em São Paulo!

10.

Mens sana in corpore sano:

Promoção dos formandos da Faculdade de Educação Física: "CHOPPADA"...

11.

Sai Reitor... muda Reitor

... sai Diretor... muda Diretor... entra Reitor... sai Diretor... e a propagada vasoura permanece atrás da porta.

12.

Tem muita menina perdida pelos corredores da Furb. Ou não estão encontrando as aulas ou estão no curso errado ou até, quem sabe, não en-

contraram ainda seu romântico cavalheiro (aliança a ser comprada a custos elevados).

13.

O cavalo da direita da raíña se movimentou. O peão do rei deu uma mijadinha no cavalo e abriu duas casas. Tá acontecendo o imprevisto: "o clube de xadrez do DCE está para voltar a funcionar... (já começou? ... perdão ... acho que já ando por fora das coisas ...).

14.

Por ordem administrativa do novo ditador (Borginho) o DCE construiu saletas para os cinco Diretórios Acadêmicos da FURB. Tudo pronto para as atividades de 1978 (além da semana dos calouros): reuniões... reuniões e reuniões...

15.

Determinada funcionária do setor responsável pelas finanças furbeanas subordinado a setor administrativo, também, furbeano resolveu: — "após o DCE ter auxiliado a Furb na execução da matrícula fica suspenso o gratuito cafezinho, de segunda.

Certo calouro, intrigado, perguntou: — que o DCE tem dificuldades em conseguir cafezinho na Furb é coisa lógica, agora, porque "cafezinho, de segunda?"

— Exportação, cara!

16.

Maior pecado cometido pelo "Acadêmico" nas suas explorações de capacidades furbeanas: "a entrevista com o mestre Letzow. Explicação: não se deve criticar quem publica suas palavras. Antes de se dar qualquer entrevista, deve-se rever os dicionários.

17.

Furo sensacional para as pessoas tristes:

O DCE promoveu um curso de decoração. Em determinada aula ocorreu este interessante diálogo:

Professor: — Meus amigos, no futuro próximo, tudo virá a ser consumido de forma sintética. Até a carne virá em forma de pílulas.

Aluno: — por isso, professor, eu sou vegetariano.

Professor: — Creia, caro aluno, também o milho virá em forma sintética.

18.

Tem muito universitário se preparando para compor sua canção com a finalidade de concorrer no Festival Universitário da Canção em Blumenau. E o que tem de galinhas

se aprontando pra disputar os lugares nas arquibancadas tá fora de série...

19.

O dinheiro faz a gente esquecer as tristezas... o diabo é que quando ele acaba a filha da p... da tristeza volta em dobro. (Tito Ville). (inspirado em Plínio Marcos).

20.

Rápidas e rasteiras: (procurando definições)...

Tarado mental: Professor que gosta de dizer que em sua matéria são reprovados mais de 50 por cento dos alunos matriculados.

Masturbação didática: Dar provas de alto teor de complicação sem objetivos e finalidades a não ser enrolar o aluno já enrolado desde o início do ano.

Inércia: Departamento de Culturad a Furb.

Bilingüe: O cara dizer algo a um jornal e depois disdizer o que disse por arrependimento gramatical.

Espanto: Professor receber seu minguado salário em dia.

21.

A Furb ganhou nova nomenclatura dos estudantes de todos os turnos: OPEP... nunca se viu aumentar tanto (Cr\$), em tão pouco tempo.

22.

Ei, cara, me ensina como se arranja dinheiro para pagar uma prestação a mais no ano escolar!

23.

Definição de economista:

— Cara, o que é economista?

— Economista é uma Pessoa que advinha o que irá acontecer amanhã e sabe explicar, satisfatoriamente, depois de amanhã, por que não aconteceu o que tinha previsto.

24.

"Teve" certos formandos em processamento de dados que enviaram seus convites por correio. (idiotas!).

25.

A última do velho Olsen: "Há vinte dias não vou à aula... quando ameaço de ir aparecem os desgraçados dos feriados..."

26.

O gato faz: "miau"...  
O cachorro: "au... au..."  
O universitário: socorro..."



# UNIVERSIDÉIAS

## Esporte... universitário

Quando "Universidéias" ventitou a nova diretoria da Federação Catarinense de Desportos Universitários, acreditando na sua composição e no seu trabalho... não errou. Recebemos já o calendário desportivo de 1978. Ei-lo, na íntegra, para sua informação universitário desportista:

### JANEIRO

Assembléia Geral Ordinária da CBDU  
13 a 15 — MANAUS — AM

### FEVEREIRO

Assembléia Geral Ordinária da FCDU  
24 — FLORIANÓPOLIS — SC

### MARÇO

Realização de jogos e torneios internos nas Universidades e Fundações, visando os XXXIV JUCs.

— Inscrição para o II CUFC

### ABRIL

II CAMPEONATO UNIVERSITÁRIO DE FÚTEBOL DA CAPITAL

Inscrição para os XXXIV JUCs.

XXXIV JOGOS UNIVERSITÁRIOS CATARINENSES  
28 a 30 — FLORIANÓPOLIS — SC

### MAIO

Continuação dos XXXIV JUCs.

01 a 03 — FLORIANÓPOLIS — SC

Convocação e Treinamentos das equipes, visando a participação nos XXIX JUBs.

Continuação do II CUFC  
Inscrição para o II CUCA

### JUNHO

II CAMPEONATO UNIVERSITÁRIO CATARINENSE DE ATLETISMO  
10 e 11 — FLORIANÓPOLIS — SC

Continuação do II CUFC  
Continuação dos treinamentos das equipes que participaram dos XXIX JUBs.

Convocação dos atletas para comporem a seleção de Futebol de Campo, visando a

participação no V CBUF.

### JULHO

Treinamento da seleção de Futebol de Campo, visando a participação no V CBUF.

Apronto final das equipes que participaram dos XXIX JOGOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Inscrição para os I JUS XXIX JOGOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS  
18 a 28 — CURITIBA — PR

### AGOSTO

Inscrição para os IV JUCAP  
Inscrição para o VI TORNEIO INTEGRAÇÃO — SEMANA DA PÁTRIA.

Continuação dos treinamentos da Seleção de Futebol de Campo, visando a participação no V CBUF.

Treinamento com as equipes que participaram dos I JUS SETEMBRO

VI TORNEIO INTEGRAÇÃO — SEMANA DA PÁTRIA  
01 a 05 — FLORIANÓPOLIS — SC

V CAMPEONATO BRASILEIRO UNIVERSITÁRIO DE FÚTEBOL

02 a 10 — RIO DE JANEIRO RJ.

IV JOGOS UNIVERSITÁRIOS DA CAPITAL  
16 a 24 — FLORIANÓPOLIS — SC

IV VOLTA AO CAMPUS UNIVERSITÁRIO  
2º. quinzena — JOÃO PESSOA — PB

I JOGOS UNIVERSITÁRIOS DO SUL  
29 e 30 — FLORIANÓPOLIS — SC

### OUTUBRO

Continuação dos I JUS  
01 — FLORIANÓPOLIS — SC

### NOVEMBRO

Elaboração, confecção e divulgação do Relatório Técnico-Administrativo, encerrando o ano esportivo de 1978

Saudações do "Acadêmico" ao Presidente da Federação Catarinense de Desportos Universitários Audi Luiz Vieira e à sua equipe de trabalho.

## agenda

## Calendário de abril

Consta do Calendário distribuído pela Furb o seguinte:

20, 21, 22 e 23 — Realização das OLIMPIADAS DA FURB

Acontece que já há muito tempo estas Olimpíadas vêm procurando integrar os universitários através do esporte amador, comandados pelo Diretório Central dos Estudantes com apoio da Faculdade de Educação Física e Desportos. As rivalidades "desportistas" são reveladas quase todos os anos pelos cursos de Engenharia, Direito, Educação Física e Economia. Neste ano, pelo que tudo in-

dica teremos na disputa, em igualdade, o curso de Filosofia. Isto, praticamente no Futebol de Salão e o Basquete. A supremacia do Voleibol está na força da Educação Física, que no Basquete irá passar por mal momentos, acreditamos, por não contar a equipe com importantes nomes do Basquete, devido à formatura.

A Engenharia se propõe a levantar o Basquete e o Futebol de Salão. A Economia, desafiada, promete vir com todas as forças no Basquete e no Futebol de Salão. Todos são unânimes em querer

derrubar a supremacia da Educação Física em todas as modalidades.

No atletismo e na natação teremos surpresa.

Uma equipe de atletas da Educação Física (grupo feminino) estará apresentando na abertura dos Jogos artísticos apresentação de Ginástica Rítmica.

Dia 21 de abril: FERIADO NACIONAL  
NOTA: O presidente do DCE, Silvio Borges de Jesus nomeou o acadêmico Joel Benghi, da Faculdade de Educação Física, para coordenação das Olimpíadas. As inscrições dos times deverão ser feitas na Secretaria da Faculdade de Educação Física nas datas a serem amplamente divulgadas.

Um dos objetivos das OLIMPIADAS DA FURB será também, a preparação dos atletas para as UNIVERSIADAS DE FLORIANÓPOLIS (Abril/Maio de 1978)



# FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

# UNIVERSIDÉIAS

## FURB: Assistência Social!

Todos nós somos, muitas vezes, questionados a respeito de assuntos aos quais nos é difícil de responder. Assim, achamos por bem transferir a voz a pergunta: — o que entende por Serviço Social? Você sabe que a Furb conta com Serviço Social?

É possível que você ainda não tenha tomado ciência do nome "Serviço Social" ou até mesmo consciência do assunto. Por este motivo é que desejamos explicar, ou melhor, dialogar com você.

O Serviço Social é "uma profissão técnico-científica que tem métodos e técnicas próprias, utilizando-as para trabalhar com o homem". Tem por objetivo atender a pessoa em suas dificuldades, orientando-a e dando condições para que ela própria se ajude. Enfim, o Serviço Social trabalha para a realização plena do ser humano. Para

tal utiliza-se dos processos, de métodos e de técnicas com a finalidade de auxiliar o homem na sua auto-afirmação.

Pode-se destacar o trabalho do Serviço Social nos Estabelecimentos Educacionais, Hospitais, C. Sociais, nas Emp., nos Clubes de Serviços, nas Prefeituras e, no caso específico, até nas Universidades. Para este trabalho utilizam-se sempre que possível os três processos do Serviço Social ou sejam, Serviço Social de Casos, Serviço Social de Grupo e Serviço Social de desenvolvimento de Comunidade.

O Serviço Social de Casos é um "processo que desenvolve a personalidade através de um ajustamento consciente, individual por indivíduo, entre os homens e seus ambientes".

Serviço Social de Grupo é um "meio de servir aos indivi-

duos dentro ou através de pequenos grupos, face a face, a fim de provocar mudanças INTENCIONAIS entre os participantes".

Desenvolvimento de Comunidade "é um movimento destinado a promover a melhoria de vida de toda comunidade com a participação ativa e por iniciativa da comunidade".

Quanto ao Serviço Social na FURB, você talvez nos indagaria: — qual a função do mesmo nesta Entidade?

O Serviço Social na Furb presta assessoria à Coordenação de Assuntos Comunitários e de Desenvolvimento; tem por objetivo "intervir no contexto social através da utilização de um procedimento metodológico e tecnicamente conduzido, a fim de ajudar o ser humano na descoberta e/ou uso de suas potencialidades, capacitando-o para uma

participação mais ativa e consciente, favorecendo seu próprio bem estar e o da comunidade; visa também detectar as necessidades e aspiração do corpo docente, discente e administrativo, tendo em vista dinamizar e/ou criar programas que vão de encontro àquelas necessidades".

Uma das fundamentais funções do Serviço Social é o assessoramento e o apoio à Divisão de Assistência ao Estudante — DAE. O DAE é um órgão que, devidamente estruturado, visa assistir e orientar o universitário no aspecto educacional, econômico e social desenvolvendo programas de promoção sócio-econômico que possibilitem e assegurem a permanência do acadêmico nesta Fundação.

Assim é que a Divisão de Assistência ao Estudante desenvolve os seguintes programas:

em suas promoções, sejam elas sociais, culturais ou desportivas.

5. ENCAMINHAMENTO DE SITUAÇÕES ESPECIAIS para solução nos departamentos competentes da Furb.

Afora os programas citados, a Divisão de Assistência ao Estudante dispõe de outros projetos que vão de encontro às necessidades de você universitário.

Estamos à sua disposição na Furb para qualquer esclarecimento no seguinte horário:  
7,30 horas às 11,30 horas.  
14,00 horas às 18 00 horas.

(JEANNE PULLMANN — Assistente Social)

### **bolsas**

1. BOLSA DE ESTUDO REEMBOLSÁVEL DO PEBE — Serviço Especial de bolsa de Estudo.

Através do Projeto Pebe 8 (oito) o Ministério do Trabalho concedeu Bolsas Reembolsáveis a estudantes trabalhadores sindicalizados e/ou dependentes, regularmente matriculados até o 2º. ano nos cursos de Engenharia. O objetivo deste projeto é oferecer à classe de trabalhadores sin-

dicalizados e/ou dependentes oportunidades de acesso ao ensino de graduação em nível superior, bem como, elevar as condições sócio-econômicas dos beneficiários.

2. BOLSA DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA FURB.

Esta bolsa é destinada à alunos de todos os cursos e semestres, submetendo-se a uma seleção. A mesma cobrirá o pagamento diferenciado e curso (matrícula) bem como as mensalidades aos alunos carentes de recursos financeiros para custeio de suas despesas escolares.

3. BOLSA DE TRABALHO.

A bolsa de trabalho resulta

de um convênio firmado entre MEC/FURB/EMPRESA.

Este programa objetiva atender preferencialmente o aluno carente de recursos financeiros através da prestação de serviços em Empresas privadas e/ou particular, mediante remuneração. Deve o aluno desenvolver 20,00 horas de atividades semanais, sendo 4,00 horas diárias, conciliando-se com seu horário escolar.

A empresa não oferece vínculo empregatício, tendo direito ao seguro de acidentes pessoais o universitário alvo da bolsa.

4. ASSISTÊNCIA AOS DIRETÓRIOS ACADÊMICOS

#### FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA.

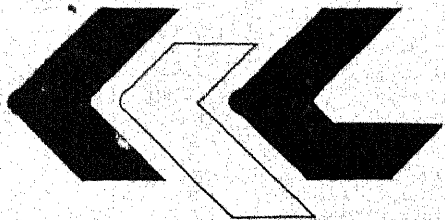
Rua Itamonte, 50  
Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.

#### ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA

Rua Monte Alegre, 1434  
05.014 — São Paulo — (SP)

# CENTRO CÓPIAS LTDA.



AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS PELOS ORIGINAIS.

LEMAC S.A. - INDÚSTRIA HELIOGRÁFICA — Repres. exclusivo de Sta. Catarina

MATERIAIS PARA ENGENHARIA \* DESENHO \* EXPEDIENTE

Rua Floriano Peixoto, 89

LOJA 3 — Fone: 22-3215

Blumenau - SC.

# LIVROS RECOMENDADOS

**PORTUGUÊS INSTRUMENTAL — 4.ª edição**

Adriano, Ricardo e Pavan

Português Instrumental, através de Orientação Prática e Exercícios, é um instrumento de prática dos fatos da língua. Instrumento para professores e alunos. Pretende analisar, na justa medida, os problemas mais importantes do usuário da língua. Pretende ser um auxiliar útil e mais prático para as aulas de Português.

224 págs.

EDITORA RIO

**DIREITO DA SUCESSÕES**

Ulóvis Bevilaqua

Dando sequência às Edições Históricas, surge o Direito das Sucessões, do eminente jurista Clovis Bevilaqua. Com cópia fiel da quarta edição, editada em 1945, que era revista e acrescentada pelo autor em algumas de suas páginas.

444 págs.

EDITORA RIO

**COMENTÁRIOS DO ESTATUTO DA OAB E ÀS REGRAS DA PROFISSÃO DO ADVOGADO**

Francisco Costa Netto e Eugênio R. Haddock Lobo

O presente trabalho, despido de erudição, objetiva dar uma visão da OAB, da sua origem, finalidade, funcionamento e de sua lei básica reguladora do exercício da profissão do advogado.

800 págs.

EDITORA RIO

**CARTA DA ONU**

Dando sequência à coleção Códigos, que reúne em vários volumes toda a legislação brasileira atualizada, a Editora Rio acaba de lançar a CARTA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, contendo também a Declaração Universal dos Direitos do Homem e o Estatuto da Corte Internacional de Justiça.

104 págs.

EDITORA RIO

**PROCURA-SE ESTA MULHER**

A Nova Fronteira revela ao público brasileiro uma das maiores romancistas policiais de hoje, Rae Foley, considerada por todos uma nova Agatha Christie. Em PROCURA-SE ESTA MULHER a autora escreve a história de Helen, e seu marido, que tinham toda a felicidade do mundo... até o acontecimento de um selvagem assassinato. Todas as conjecturas do leitor se chocam de encontro a transbordante imaginação, ao mesmo tempo que fria e serena, de Rae Foley. É uma obra moderna, com gente e problemas do nosso tempo.

164 págs. Cr\$ 80,00

EDITORA NOVA FRONTEIRA

**MINIDICIONÁRIO AURÉLIO**

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

O Minidicionário Aurélio é um dicionário de bolso pretendendo sobretudo atingir os alunos de 1.º e 2.º grau e foi realizado segundo as mais modernas e atualizadas normas lexicográficas contendo em suas 516 páginas de consulta e leitura fáceis, mais de 23.000 verbetes selecionados.

516 págs. Cr\$ 35,00

EDITORA NOVA FRONTEIRA

**A PESTE NEGRA**

Gwyneth Cravens e John S. Marr

Neste livro descreve-se uma nova e fulminante epidemia que atinge Nova York na década de 1970... No regresso de uma festa campestre, uma moça adocece gravemente com sintomas da terrível doença e dentro em pouco Manhattan inteira estará ameaçada pela peste negra... É uma obra de suspense e de choque, mas é sobretudo uma advertência, um aviso, uma lição.

296 págs. Cr\$ 120,00

EDITORA NOVA FRONTEIRA

**O CHAPEU DAS ESTAÇÕES**

Carlos Nejar

Raros escritores tiveram em nosso meio a fortuna de serem falados pela crítica literária como Carlos Nejar, um dos poucos poetas do momento a ombrear com Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Há neste livro uma "estratégia dos que esperam contra toda esperança". Nejar é nosso único poeta verdadeiramente reflexivo.

104 págs. Cr\$ 60

EDITORA NOVA FRONTEIRA

**DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E EMPRESAS****MULTINACIONAIS**

Constantine V. Vaitsos

O presente livro explora a influência das empresas

multinacionais sobre a distribuição internacional de renda; mostra como se estabelecem — ou deveriam estabelecer-se — políticas governamentais nos países que recebem investimentos forâneos. Na qualidade de economista-chefe do Pacto Andino, Constantine Vaitsos é das pessoas mais autorizadas para discorrer sobre as consequências de sua ação na arena econômica e política do Terceiro Mundo e da América Latina.

248 págs. Cr\$ 110,00

EDITORA PAZ E TERRA

**A DEVASSA DA DEVASSA**

Kenneth Maxwell

Um livro que deixa claro que a rebelião de Vila Rica foi nacionalista, com sentidos ideológicos econômicos e sociais bem mais amplos do que a história tradicional registra. Além disso, como alguns dos mais ilustres poetas luso-brasileiros tiveram participação destacada na rebelião, este levantamento do fundo social em que se desenvolveu o movimento será valioso também para os estudiosos da literatura do século XVIII.

320 págs. Cr\$ 115,00

EDITORA PAZ E TERRA

**A REPÚBLICA DAS USINAS**

Gadiel Perruci

É um livro que vem atender a uma experiência relacionada com o conhecimento de uma fase histórica importante de uma das regiões mais populosas e mais problemáticas do país.

248 págs. Cr\$ 110,00

EDITORA PAZ E TERRA

**CONSTITUINTES**

Freitas Nobre

A cassação de Alencar Furtado, os contratos de risco, a censura, a desnacionalização da Economia, o jovem e a universidade, a mortalidade infantil esses são alguns dos problemas brasileiros que Freitas Nobre em CONSTITUINTE discute com o desassombro do homem público que realmente quer fazer algo pelo seu país.

136 págs. Cr\$ 70,00

EDITORA PAZ E TERRA

**HISTÓRIA DO BRASIL**

Maria Januária Vilela dos Santos

Para o primeiro grau — 5.º e 6.º série.

Com um texto breve e acessível; as ilustrações, ricas e abundantes; as atividades são tantas que o aluno passa a maior parte do seu tempo, buscando soluções, colorindo, escrevendo, pesquisando, desenvolvendo, enfim, suas potencialidades com gosto e proveito.

160 págs.

EDITORA ÁTICA

**LO QUE EL RIO LLEVA Y TRAE**

José Guelerman

É um poeta argentino. Não importa, um grande homem deve ter sido, mas um grande poeta. E ele como estes, dispensam comentários, porque a palavra que eles transportam e transformam em poesia é o seu próprio cartão de identidade. Como esse verso: SOY gota de agua de río/que abre su ruta hasta em mar./Porque soy pueblo/elemental/como la lluvia, el bosque, el trueno/o mejor aún, como el río que viaja abre su ruta hasta el mar.

EDICIONES FIGARO

**FICÇÃO — Infante Juvenil**

Enfim um livro elaborado com seriedade para jovens e crianças. Um investimento para ser aplaudido e imitado. São histórias de sonho e realidade, histórias alegres e tristes, histórias para ler e reler enfim, histórias para agradar também a gente grande. Ao menos, uma lembrança de respeito para essa gente miúda, que também pensa, nega e tem aspirações, no seu Ano Internacional.

EDITORA FICÇÃO LTDA.

**FICÇÃO — (Histórias para o prazer da Leitura)**

N.º. 25/26 Jan./Fev.

Traz FICÇÃO nestes números, a lembrança pessimista desse início de 78, que talvez muitos já não se lembram. As atuações inescrupulosas da Censura e de outras "Censuras" em nome da nossa famigerada moral e seus bons costumes. Como sempre, nos traz uma leva de bons escritores, divulgadores de novas histórias; além de apresentar nestes números, entre os inéditos, o escritor catarinense EMANUEL MEDEIROS VIEIRA com o conto George Deladre.

# O ARTISTA DA CAPA



**NOME:** Georg Paul Junke.  
**LOCAL DE NASCIMENTO:** Itoporanga (SC).

Georg (careca, como é conhecido) iniciou com desenho e pintura aos nove anos de idade. Morou até os quinze anos em Rio do Sul. Aos 16 anos montou um Ateliê de pintura em Caçador e, também, trabalhava com decorações.

Foi professor de desenho e Educação física no Colégio dos Irmãos Maristas em Caçador. Dedicou-se a pintura

atingindo um total de 450 obras, hoje, espalhadas pelo Brasil, Estados Unidos e Europa.

Em 1971 chegou a Blumenau, trabalhou na Gráfica 43 como lay-out man; colaborou com o extinto jornal A cidade, na mesma função.

Em 1973 monta o seu primeiro Ateliê em Blumenau, dessa vez, sozinho e que em breve transforma-se em uma Agência de Publicidade... Alexandre Jones-Publicidade e Promoções, a qual é especialista em embalagens industriais.

Georg Paul Junke obteve em 1968 em Curitiba (Pr) o segundo prêmio em decorações; em 1966 foi classificado em primeiro, segundo e terceiro lugar numa mesma exposição em Videira (SC).

George confessa que não frequentou escolas especializadas para aprender e desenvolver o trabalho que ora executa. Sempre fui um autodidata consciente e as técnicas que aprendi e desenvolvi ao longo desses anos deve-se ao esforço próprio de leituras de revistas e livros especializados. Também as tentativas de aperfeiçoamento com o objetivo de chegar a formas novas, a efeitos diferentes para sair do lugar comum... Tudo isso colaborou para tornar-me na medida do possível, um exclusivista.

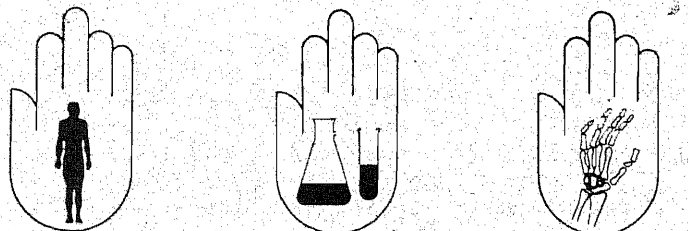
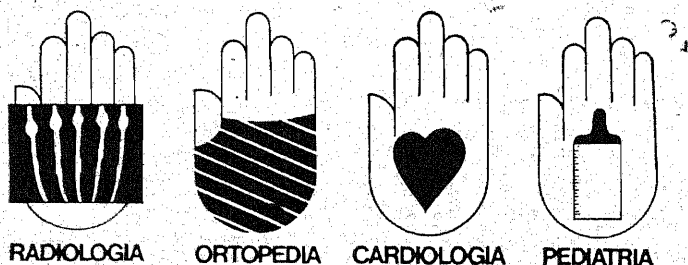
Indagando sobre o fato de que os empresários blumenauenses estão cada vez mais procurando as Agências de fora, Georg afirma que eles estão certos porque as Agências locais não tem capacidade para comporem equipes de vendas e acrescenta ainda que 50% das Indústrias não são visitadas, e as que são, limitam-se ao município de Blumenau... Todo o oeste do Estado está abandonado.

Não existe falta de serviços. O fato é que as Agências locais não podem se reestruturar para atender uma conta grande.. Sobre a ética profissional, Georg afirma que os clientes encaram as Agências como meros Estúdios e por isso eles não tem obrigações de atender um só cliente. Poucas Agências detém a conta do cliente nas mãos; a maioria dos casos, é feito um contrato por um trabalho apenas. Existe muito free-lancer.

Uma Agência é um escritório que contrata serviços de terceiros. É o caso do retoque americano (a foto retocada com um aparelho especial), se você precisar desse tipo de serviço terá que dirigir-se, invariavelmente, a um centro maior como São Paulo, por exemplo.

Falta em Blumenau o material humano, mão de obra especializada.

Mas, o importante é que todos nós, os profissionais estamos tendo um bom relacionamento, embora não haja uma entidade de classe, nós podemos coexistir juntos harmoniosamente.



CLÍNICA GERAL LABORATÓRIO DE ANÁLISES REUMATOLOGIA

## CLÍNICA BLUMENAU

R. Uruguai - Bairro Ponta Aguda - Blumenau Sta. Catarina

**JORNAL DE LETRAS**

EDIF. RAIMUNDO CORRÊA

RUA BARATA RIBEIRO, 774 — 10º. ANDAR — SALA 1001  
RIO DE JANEIRO — RJ



**MATERIAL  
ELÉTRICO**

**INSTALADORA  
BLUMENAU**

F: 22-1264

Rua XV de Novembro, 1409  
Rua 2 de Setembro, 3811

F: 22-4592